

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Matheus Fontella Goulart

**“AMOR & SEXO”: UM ESPAÇO NO AUDIOVISUAL PARA AS  
REPRESENTAÇÕES MINORITÁRIAS LGBTQI+**

Santa Maria, RS  
2017

**Matheus Fontella Goulart**

**“AMOR & SEXO”: UM ESPAÇO NO AUDIOVISUAL PARA AS  
REPRESENTAÇÕES MINORITÁRIAS LGBTQI+**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social Habilitação em Relações Públicas.**

Orientador: Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisbôa Filho  
Coorientador: Luciomar de Carvalho

Santa Maria, RS  
2017

**Matheus Fontella Goulart**

**“AMOR & SEXO”: UM ESPAÇO NO AUDIOVISUAL PARA AS  
REPRESENTAÇÕES MINORITÁRIAS LGBTQI+**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Ciências  
da Comunicação, da Universidade federal de  
Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para  
obtenção do título de **Bacharel em  
Comunicação Social Habilitação em  
Relações Públicas.**

**Aprovado em 12 de dezembro de 2017:**

---

**Flavi Ferreira Lisboa Filho, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

---

**Mariana Nogueira Henriques, Ma. (UFSM)**

---

**Carlise Schneider Rudnicki, Dra. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2017

## DEDICATÓRIA

*Dedico o presente trabalho a todas minorias sociais que sofrem diariamente com o preconceito. Em especial as minorias LGBTQI+, na qual tenho orgulho de fazer parte e afirmar que jamais nos silenciaremos diante da sociedade heteronormativa.*

## AGRADECIMENTOS

Enfim, se passaram quatro anos...

Concluir com o sentimento de missão cumprida esse período de grandes desafios, dúvidas, choros, alegrias, e amizades é uma felicidade imensurável, só tenho a agradecer.

Agradeço à minha família que sempre me forneceu o suporte necessário para eu concluir esta etapa, sem o auxílio deles não seria possível. Minha mãe que por vários momentos me consolou nas minhas noites chorosas, minha avó que era meu refúgio quando precisava fugir da rotina estressante da graduação, ao meu pai que sempre com conselhos precisos firmava meus “pés no chão” novamente para manter o foco, só tenho agradecimentos a essa família que tenho orgulho de poder contar sempre que necessário, me dando o devido amor incondicional.

Agradeço a todos os professores que construíram com os seus ensinamentos técnicos e humanos para a minha formação profissional. Em especial ao Prof. Flavi, pelo seu tempo dedicado a mim, que inúmeras vezes me orientou e respondeu aos meus questionamentos, não somente no TCC, mas na bolsa iniciação científica do CNPq, em Disciplinas Acadêmicas, em pesquisas no grupo “Estudos Culturais e Audiovisualidades” no qual me orgulho de ter feito parte, pois fomentou fundamentalmente minha construção identitária como indivíduo. Saliento que, muito mais que um exemplo profissional, foi um exemplo pessoal e de representação quanto defensor das causas de Minorias Sociais. Agradeço à Mariana Henriques e ao Luciomar de Carvalho, que contribuíram fundamentalmente para o meu enriquecimento teórico durante a presente pesquisa, pois era a quem recorria quando os pensamentos vagavam e eu precisava voltar ao foco. Agradeço também à Prof. Carlise Rudnicki que me auxiliou em inúmeros momentos nesse período final, com conselhos pessoais, conhecimentos técnicos e indicações de leitura, enfatizo que, muito mais que uma professora é uma amiga para a vida.

Agradeço ao meu namorado que foi um grande porto seguro, me ajudando, dando conselhos, segurando minhas lágrimas e, contribuindo em tudo o que eu precisasse.

Agradeço a todos e todas que contribuíram positivamente para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço a Deus.

## RESUMO

### “AMOR & SEXO”: UM ESPAÇO NO AUDIOVISUAL PARA AS REPRESENTAÇÕES MINORITÁRIAS LGBTQI+

AUTOR: Matheus Fontella Goulart  
ORIENTADOR: Flavi Ferreira Lisbôa Filho  
COORIENTADOR: Luciomar de Carvalho

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por finalidade problematizar as representações da população LGBTQI+ no programa “Amor & Sexo”, sendo este é um dos programas brasileiros de maior audiência da rede televisão aberta. Quando vamos estudar Programas Audiovisuais e Minorias Sociais com ênfase em Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros, *Queer* e *Intersex* (LGBTQI+), devemos compreender os processos comunicacionais para essa produção cultural, uma vez que, a análise cultural é uma pesquisa metodológica a partir dos Estudos Culturais, tendo como objeto uma produção midiática. Tendo em vista a necessidade da compreensão das produções midiáticas, adotaremos no aspecto teórico metodológico os pressupostos conceituais de Williams Raymond (2003) para estabelecer a relação entre cultura vivida e cultura registrada, e os percursos analíticos de Richard Johnson (2006) e a análise midiática de Casetti e Chio (1999) ao passo que assim, compreendemos como constroem-se as representações. Algumas representações em programas audiovisuais buscam contribuir para a desconstrução da heteronormatividade imposta pela mídia massiva, no qual o programa “Amor & Sexo” destaca-se justamente por pautar as causas das minorias LGBTQI+, tendo ele, uma grande repercussão. Porém, cabe refletir essas representações e se cumprem o seu devido papel social.

**Palavras chave:** Estudos Culturais. Análise cultural midiática. Representação midiática. “Amor & Sexo

## ABSTRACT

### **“AMOR E SEXO”: AN AUDIOVISUAL SPACE FOR LGBTQI+ MINORITIES REPRESENTATION**

AUTHOR: Matheus Fontella Goulart  
ADVISOR: Flavi Ferreira Lisbôa Filho  
COADVISOR: Luciomar de Carvalho

The present term paper is intended to discuss LGBTQI+ public representation on “Amor & Sexo”, which is one of the most popular TV shows in Brazil’s open television network. By studying Audiovisual Shows and Social Minorities, emphasizing on Lesbians, Gays, Bisexual, Transsexual and Transgender, Queer and Intersex (LGBTQI+), we must comprehend the communicational processes for this cultural production, once cultural analysis is a methodological research from Cultural Studies, presented as a media production. Hence the need to comprehend media productions, this paper will be supported, on the theoretic methodological aspect, by the conceptual assumptions of Williams Raymond (2003), to establish the connexion between the lived culture and the registered culture, the analytical courses of Richard Johnson (2006) and the media analysis by Casetti and Chio (1999), therefore we will comprehend how these representations are fabricated. Some representations in audiovisual shows seek to add to the deconstruction of the heteronormativity imposed by the mass media, in which the show “Amor e Sexo” stands out precisely for ruling the LGBTQI+ minorities concerns, reproducing a great repercussion. However, these representations and the fulfillment of their social role can be thought over.

**Key Words:** Cultural studies; Media cultural analysis; Media representation. “Amor & Sexo”.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EC	Estudos Culturais
TV	Televisão
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
GLBT	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, <i>Queer, Intersex</i>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Circuito da cultura.....	23
Figura 2 – O Circuito da cultura de Johnson.....	34
Figura 3 – Identidade visual do programa.....	39
Figura 4 – Christiane Torloni durante o quadro “ <i>Strip Quizz</i> ”.....	40
Figura 5 – Anúncio do vencedor do quadro “Gayme”.....	41
Figura 6 – Rodrigo Hilbert apresentando o quadro “Coisa de macho”.....	42
Figura 7 – Fernanda Lima em Tóquio/Japão.....	43
Figura 8 – Campanha do “Sim” apresentada pelo núcleo diretivo do Programa.....	43
Figura 9 – Figurino da abertura da 6ª temporada.....	44
Figura 10 – “Escolinha da professora Fernanda”.....	45
Figura 11 – Cerimônia de casamento.....	46
Figura 12 – “Bofes <i>show</i> ”.....	47
Figura 13 – A <i>Drag</i> misteriosa, Rodrigo Hilbet.....	56
Figura 14 – Figurino.....	57
Figura 15 – Decoração e integrantes de palco.....	57
Figura 16 – <i>Drag Queen</i> em “bate cabelo”.....	58
Figura 17 – <i>Drags</i> participantes do “bishow 2017”.....	59

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Temporadas do programa “Amor & Sexo”.....	39
Tabela 2 – Temáticas da 10ª temporada.....	48

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ficha técnica do 6º episódio da 10ª temporada.....	50
Quadro 2 – Ficha de classificação referente ao discurso.....	52

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>ESTUDOS CULTURAIS: CONCEITOS E IDENTIDADES</b> .....	15
2.1	O SURGIMENTO DOS ESTUDOS CULTURAIS.....	15
2.2	A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E IDENTIDADE.....	20
<b>3</b>	<b>REPRESENTAÇÃO E GÊNERO</b> .....	26
3.1	A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO POR MEIO DA REPRESENTAÇÃO.....	26
3.2	GÊNERO NAS REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS.....	29
<b>4</b>	<b>A ANÁLISE CULTURAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS</b> ....	31
4.1	A FUNDAMENTAÇÃO DA ANÁLISE CULTURAL.....	31
4.2	O CIRCUITO CULTURAL DE RICHARD JOHNSON.....	33
4.3	A ANÁLISE DE CONTEÚDO PARA TV (CASETTI E CHIO, 1999) .....	35
<b>5</b>	<b>“AMOR E SEXO”: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO LGBTQI+</b> ....	38
5.1	O PROGRAMA “AMOR & SEXO”.....	38
5.2	10ª TEMPORADA.....	48
5.3	APLICAÇÃO DAS FASES DA ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	49
5.3.1	Problema de pesquisa e formulação de hipóteses.....	49
5.3.2	Corpus de pesquisa.....	50
5.3.3	Unidades de classificação.....	51
5.3.4	Aplicação da ficha de classificação.....	52
5.3.5	Computação dos resultados.....	59
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	62

## 1 INTRODUÇÃO

Enquanto indivíduo, constantemente me deparava com algumas inquietações e reflexões pessoais, tais como: Por quê cerca de 90% das travestis recorrem a prostituição? Por quê a expectativa de vida de uma pessoa heterossexual é de 75 anos, enquanto a de uma pessoa transexual é 35 anos? Por quê o Brasil está entre os cinco países com cometem feminicídio? Por que a cada 25 horas no Brasil morre um LGBTQI? Por fim, cabe questionar-se, vivemos realmente em um país igualitário?

Buscando respostas para alguns desses questionamentos pessoais, e o meu interesse pelo audiovisual enquanto estudante de comunicação, o presente trabalho visa compreender algumas questões acerca das representações dos LGBTQI+<sup>1</sup> no programa “Amor & Sexo”, exibido pela Rede Globo, observando como se configura a produção na elaboração das pautas das minorias sociais e até que ponto essa representação contempla a agenda desses grupos. A mídia, em especial a programação da TV aberta, é a principal plataforma de emissão de conteúdo para a população, já que está presente em cerca de 97%<sup>2</sup> dos domicílios, de acordo com o IBGE.

Entretanto, mesmo com essa grande abrangência e possibilidade de falar por e para uma pluralidade de público, muitas vezes, nesse processo, fazem uso de representações estereotipadas a partir de opiniões e vozes da grande massa, silenciando inúmeras minorias, fatores esses que devem ser levados em consideração, pois como comunicadores, devemos cada vez mais desconstruir esses padrões hegemônicos imposto pelas produções audiovisuais, uma vez que sugerem hábitos e comportamentos as classes desfavorecidas.

---

<sup>1</sup> Durante a 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada em Brasília – DF, nos dias 6, 7 e 8 de julho de 2008, padronizou-se a sigla LGBT. No que, até então era GLBT, para visibilizar as mulheres Lésbicas. Até então a sigla sofreu inúmeras variações, algumas definições como LGBTTTIS também são utilizadas, porém, na função de autor desta pesquisa não optei por usar essa definição pelo fato que ela se refere precisamente a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, intersexuais e simpatizantes e na minha concepção os simpatizantes não são integrantes desses grupos identitários de minorias sociais, dessa forma não os coloco em evidência e opto pela utilização da definição de LGBTQI+, representando assim, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, intersexuais, acrescido o termo *Queer*, que pode ser considerado também uma posição política, que vai além do binarismo de gênero, fazendo uma crítica à algumas enquadramentos e definições de gênero, sexo e sexualidade (ALMEIDA, 2004).

<sup>2</sup> Segundo dados fornecidos pelo IBGE (2010);

Nesse contexto, a partir do programa “Amor & Sexo” questionamos: de que forma são representadas as temáticas LGBTQI+? Essa representação contribui para a desconstrução desses padrões veiculados pela mídia heteronormativa?

A pesquisa mostra-se relevante na medida em que contribui para uma reflexão no campo dos Estudos Culturais através da compreensão das representações dessas minorias na comunicação massiva, voltado para temáticas sociais. Ainda, esta proposta de pesquisa busca fomentar os estudos sobre representação e pertencimento que estão diretamente relacionados. Salientamos a importância de reconhecer aspectos da produção e quais elementos audiovisuais são utilizados.

Para compreender o papel da comunicação para a sociedade, por meio de uma representação audiovisual, faz-se necessário saber os efeitos e impactos causados nas pessoas diante dessa produção. Todos os espaços de discussões e fomento cultural é um espaço de apropriações, devemos ter em mente que, a mídia é uma das principais fomentadoras para a complementação de uma cultura e a principal contribuinte para uma não representação e singularização de grupos culturais. Ao passo que, os meios de comunicação, são capazes de transformar uma sociedade, por meio de seus produtos e representações massivas de acordo com os seus interesses próprios.

Entre as técnicas e métodos utilizados para estudar o programa “Amor & Sexo” foi escolhida a análise de conteúdo, proposta por Casetti e Chio (1999) para reconhecer os elementos fundamentais, como cenário, enquadramentos, cortes de imagens, contextos, entre outros. Buscamos assim, desenvolver uma ampla análise cultural sobre o tema, baseada nas premissas de uma análise cultural proveniente dos aportes teóricos dos Estudos Culturais. Foram analisados assim, aspectos presentes na última temporada que foi apresentada em 11 episódios no ano de 2017. Selecionamos os episódios que fomentavam as discussões da temática LGBTQI+. Acreditamos que, todo e qualquer veículo midiático deve sempre possuir um comprometimento social, buscando essa desconstrução, entretanto muitas vezes, visando apenas uma maior audiência, vendem a espetacularização das minorias LGBTQI+ a fim de um maior entretenimento.

Com essas representações cabe a população refletir sobre até que ponto essas representações não estão silenciando, menosprezando e até mesmo violando os direitos dessas minorias sociais, por meio do fomento ao preconceito. Até então,

podemos constatar que há uma grande espetacularização acerca da temática no programa “Amor & Sexo”, que não trata a agenda política desses grupos minoritários.

No presente trabalho, iremos problematizar por meio da Teoria dos Estudos Culturais, a questão das representações, no capítulo 1 do trabalho, será compreendido como se deu os primeiros estudos acerca do tema, uma vez que a compreensão das diferentes culturas e como elas se constituem é fundamental quando pretendesse representar a mesma, pois só se representa com legitimidade quando se compreende a cultura o outro. Complementando assim, entramos no capítulo dois, onde realizamos estudos voltados para a construção de sentidos e as representações. Posteriormente, ainda neste capítulo compreenderemos como ocorre a representação de determinados grupos identitários, inserindo nossas reflexões em questões de gênero, tendo em vista que iremos analisar posteriormente um programa que pauta assuntos de gênero e sexualidade. No terceiro capítulo, serão analisados os percursos metodológicos que contribuem fundamentalmente para a construção de uma análise midiática, apresentando os dois principais métodos que contemplam as análises de conteúdo midiático, sendo elas, o Circuito da Cultura de Johnson (2006) e a de Casetti e Chio (1999). Por fim, iremos fazer uma profunda análise sobre a produção midiática do programa “Amor & Sexo” pois aparentemente, possui um papel na mídia de “inclusão” pautando as minorias, mas como comunicadores e interessados em uma elaboração de uma análise cultural legítima, cabe nos questionar até que ponto o programa contempla esses grupos minoritários.

Após uma análise cultural midiática, podemos perceber que, o programa, diferente do que a grande maioria percebe, justamente por desconhecer aspectos mais peculiares de determinada cultura, acreditam que pelo programa pautar a temática LGBTQ+ já cumpre o seu papel social. Porém, quando vamos fazer uma análise cultural midiática do programa, percebemos inúmeras falhas e equívocos de representação desses grupos. Elementos cenográficos, escolha dos quadros e contextos abordados com a temática em questão, são selecionados não para causar um questionamento social e uma mudança comportamental as pessoas, mas sim escrachar e fomentar ainda mais os discursos estereotipados encontrados na sociedade, e que cada vez mais, são reproduzidos na mídia convencional.

## 2 ESTUDOS CULTURAIS: CONCEITOS E IDENTIDADES

A proposta do capítulo visa compreender os Estudos Culturais como ponto de partida para a compreensão dos indivíduos e os movimentos sociais. Ao passo que os Estudos Culturais, fomenta principalmente uma análise ampla acerca das produções culturais sejam elas produzidas pelas minorias sociais ou pelas mídias heteronormativas. As minorias sociais, em grande parte são marginalizadas e segregadas da sociedade em decorrência das excludentes circunstâncias impostas pelas relações de poder. Quando falamos dessas minorias sociais em uma esfera de representação, muitas vezes possuímos um olhar simplório frente essa temática, achando que, por elas estarem pautadas e representadas na mídia massiva já é o suficiente, entretanto, as representações minorias devem ser concebida como grupos que inúmeras vezes são silenciados, oprimidos e até mesmo, marginalizados, caindo na estereotipia do senso comum devido a uma errônea representação. Os Estudos Culturais em sua amplitude, é a principal base para compreendermos os alicerces das construções identitárias, independente do grupo social que se insere, e as suas relações de poder.

### 2.1 O SURGIMENTO DOS ESTUDOS CULTURAIS

Primeiramente, quando vamos falar sobre cultura, importante compreender a complexidade desse termo, pois ultrapassa o contexto sócio Histórico de um grupo. De acordo com Cucho (1999), a cultura vai muito além do indivíduo se adaptar ao meio que está inserido, é também adaptar-se ao próprio homem, as suas necessidades e a seus projetos, logo, a cultura permite a transformação da natureza, capaz de alterar modos de vida e pensamentos. Pessoas de diferentes lugares podem possuir a mesma influência simbólica, causando uma aproximação cultural entre elas sem levar em consideração o espaço físico, somente as semelhanças culturais e identitárias às aproximam. Essa reflexão Grimson (2010) traz em seu conceito de distância cultural física e distância cultural estrutural, no qual, está diretamente atrelado ao conceito de identidade, uma vez que, a cultura influencia na construção identitária, seja de forma física ou estrutural, podemos compreender que, independente do espaço físico, pode ocorrer uma aproximação cultural pelo viés mais simbólico na identificação desses grupos. Além de Grimson (2010), outro autor que

faz uma definição do termo cultura é Willians (2007), quando explica a complexidade dessa terminologia, conforme podemos compreender:

‘Culture’ é uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa. Isso ocorre em parte por causa de seu intrincado desenvolvimento histórico em diversas línguas europeias, mas principalmente porque a ser usada para referir-se a conceitos importantes em diversas disciplinas intelectuais distintas e em diversos sistemas de pensamento distintos e incompatíveis. (WILLIAMS, 2007, p.117).

Logo, o autor ainda segmenta o termo cultura em outras três compreensões, o primeiro compreende a cultura como um substantivo dependente e abstrato, que contempla o intelectual do indivíduo. Em segundo, menciona o “modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral”. Por fim, em terceira instância, o autor menciona nossas capacidades quanto execução das práticas culturais, sejam elas intelectuais ou artísticas.

Contudo, quando vamos nos aprofundar na temática cultura e introduzir-se nos Estudos Culturais e constituir ideias, faz-se necessário uma compreensão sobre a sua base formadora. Inicialmente, saliento que os Estudos Culturais surgiram em decorrência do período conturbado que se instalou na 2ª Guerra Mundial, marcado por grandes desigualdades sociais e principalmente, culturas modificadas e manipuladas de acordo com o capitalismo. Podemos afirmar que, os estudos iniciais fomentaram de diversas áreas do conhecimento, compostas por alguns autores bases, entre esses destaco primeiramente Raymond Williams, um dos precursores dos EC, juntamente com o Stuart Hall e Richard Johnson, sendo eles os principais intelectuais acerca do tema. Raymond Williams um dos maiores fomentadores teóricos e socialista por natureza, pautou as discussões marxistas sobre cultura em função da desigualdade de classes, dando o ‘pontapé’ inicial. Contudo, salientou que os EC vão além das descrições e relações entre classes, os Estudos Culturais acreditam que a cultura não pode ser explicada e determinada apenas por uma dimensão econômica, já que a sociedade é um todo complexo e que são vários os fatores que a compõe (HENRIQUES, 2016). Considerado um intruso da elite inglesa, Raymond era filho de família operária e dedicou-se aos estudos da literatura. Cabe salientar, o conturbado período de reivindicações que a Inglaterra passava, constantes aclamações populares e revoltas trabalhistas que ocorriam, instigado por esses acontecimentos, ele ficou mais motivado em compreender os movimentos de classes e essas lutas das minorias. Com o passar, forma-se uma aliança com alguns

intelectuais e pesquisadores, tais como, Richard Hoggart (1957), Raymond Williams (1958) e Edward Thompson (1963), eles constituíram o conhecido *Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)*. Entre as finalidades, os precursores queriam levantar questionamentos sobre as mudanças sociais que ocorriam na época, as influências que a indústria exercia, as relações de poder e os movimentos populares. Posteriormente, destacamos Stuart Hall, que juntamente com Williams Raymond dedicaram-se em uma metodologia marxista, ampliando barreiras com o Partido Comunista (PC), devido aos seus interesses pelo contexto sócio histórico dos acontecimentos culturais da época, e não somente a literatura como era o convencional britânico.

Os EC começam então a consolidar-se nessa compreensão dos acontecimentos sociais, ampliando cada vez mais seus objetos de estudo, pois as outras formas de representar culturalmente a sociedade além de uma produção literária, segmentos como Cinema, Comunicação e Televisão, com o avançar dos tempos começaram a ganhar espaços nos veículos midiáticos. Estabelece assim, o marco inicial para começar a analisar as relações entre produções culturais e processos socioeconômicos da sociedade. Uma vez que, as produções culturais propriamente ditas, era produzida e alinhada as diretrizes de quem possuía maior poder aquisitivo, que por ventura, era chamada de classe dominante, pois representava o que a interessava, da forma que acha mais conveniente, negligenciando as 'culturas subalternas'.

O termo Cultura é um dos mais amplos e complexos existentes, pois vai muito além de uma simples arte ou uma atividade, cultura a uma prática que constitui e forma a identidade de um indivíduo ou grupo social. A teoria dos Estudos Culturais é composta por inúmeras influências "os estudos culturais não configuram uma 'disciplina', mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade" (HALL et al., 1980, p. 7). Essa multidisciplinaridade se dá ao passo que muitas delas se limitam em compreender aspectos mais superficiais e concretos, se limitando a não compreensão dos aspectos subjetivos ligados ao comportamental e cultural dos grupos sociais, uma vez que, disciplinas de outras áreas do conhecimento, não atendem características mais comportamentais, culturais e a historicidade do indivíduo.

Primeiramente quando vamos falar sobre os Estudos Culturais, devemos saber que consolida teoricamente o pensamento crítico da sociedade. Em decorrência das

inúmeras esferas que os Estudos Culturais permeiam, devemos compreender os diversos percursos metodologias que os EC podem possuir, pois contrariando as formas tradicionais de pesquisa e técnicas metodológicas já 'consolidadas'. De acordo com o autor,

A crítica apropria-se dos elementos mais úteis, rejeitando o resto. Deste ponto de vista, os Estudos Culturais são um processo, uma espécie de alquimia para produzir conhecimento útil: qualquer tentativa de codificá-los pode paralisar suas reações. (JOHNSON, 2006, p. 10).

Do mesmo modo, podemos perceber com mais ênfase essa restrição nos primórdios dos Estudos Culturais, onde inicialmente era apenas elaborada uma análise crítica proveniente da literatura e não das ações sociais. Uma vez que, os primeiros estudos eram feitos sem levar em conta aspectos da cultura vivida e cotidiana da sociedade. Saliento que as primeiras correntes dos Estudos Culturais eram de origem britânica, e nesse período, anos 40, estavam em constantes conflitos armados e revoltas populares. Por isso, inicia-se assim, uma segunda corrente dos Estudos Culturais que busca compreender as novas ondas capitalistas que se instauraram na Inglaterra naquele período e as fortes reivindicações populares.

A corrente Marxista é a principal contribuinte para as primeiras discussões dos Estudos Culturais, marca um rompimento da tradição dos EC tradicionais britânicos, com os EC em seus novos rumores (capitalista). Reforça assim, Richard Johnson (1999, p. 12) através de três premissas as comprovações que o Marxismo é a nova vertente dos Estudos Culturais. A primeira é que os processos culturais estão diretamente ligados às relações sociais, seja pela sua formação classista, pelas suas lutas e opressões. A segunda, ele destaca o poder, como forma de luta para satisfazer suas próprias necessidades. Por fim, conclui que a terceira maneira é a junção das outras duas formas, pelo fato que, a cultura é um espaço de diferenças e lutas sociais. Dessa forma, como podemos perceber que esses aspectos são a base para inúmeras discussões, pois esse percurso de influências Marxista que é elencado pelo autor, pode ser aplicado em diversas esferas, sociais, culturais, históricas, e principalmente nas relações de poder entre classes e minorias.

Os Estudos Culturais tendo por base as pesquisas em comunicação possui. Em um aporte conceitual bem fundamentado em seus primórdios, aponta Escosteguy (2010), um grande número de autores ingleses consolidaram suas ideias na compreensão desses novos fatos sociais, uma vez que as esferas sociais e as

modificações socioculturais estavam em uma ampla transição, autores como Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward P. Thompson e Stuart Hall, dedicam-se para uma ampla compreensão dessas diferenças de classes, seja pelo viés da classe dominante por parte dos que possuíam maior poder aquisitivo, ou por parte das minorias com a sua luta contra hegemônica. A Teoria dos Estudos Culturais, vai se modificando e se adaptando as novas vertentes de acordo com os novos contextos sociais, aumentando ainda mais a diferença que possui sob outras teorias, pois, ela não busca certos enquadramentos e definições absolutas sobre as problemáticas de pesquisa, de acordo com Hall, não devemos “[...] ser um veículo que define o alcance e extensão dos Estudos Culturais de uma forma definitiva e absoluta” (HALL, 1980, p. 15), para assim, não reproduzir um reducionismo cultural, sem levar em conta as constantes transformações em que a sociedade faz perpassa na sua contemporaneidade. Tangenciando esses reducionismos podemos perceber que cada indivíduo possui a sua maneira de compreender determinada representação e de cada significação que irei dispor, uma vez que, essas compreensões em muitas vezes fomentam a construção da identidade coletiva. Com o passar dos tempos, novas vivências, novos hábitos culturais vão se formando e assim, novas identidades se consolidam, ao passo que os EC devem acompanhar essas modificações estruturais, pois o mesmo, se propõe a compreender os acontecimentos sociais do período em que se insere. Essas constatações podem ser observadas com o surgimento do *Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)*, na década de 40, ligado ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham, as teorias acerca dos Estudos Culturais, que possuíam como objeto de pesquisa os novos hábitos e valores da população inglesa, pois ela passava por uma intensa transição de classes, não somente isso, mas uma opressão de classes, onde negligenciaram e oprimiam os trabalhistas.

Atualmente, os Estudos Culturais, visam estabelecer uma ligação forte com as camadas populares, e minorias, uma vez que seu objetivo principal é compreender essas movimentações sociais, provenientes da desigualdade de classes, portanto, o estudo volta-se para a produção cultural dessas classes mais oprimidas, a fim de, compreender como se dá a busca por espaço ditando novos rumos na contemporaneidade. Os Estudos Culturais possuem uma característica muito própria aos demais estudos, pois ele não é apenas uma análise quantitativa, como grande parte dos trabalhos, ele é também, uma “análise qualitativa” (HOGGART, 1957).

Visando compreender aspectos mais subjetivos, como hábitos, símbolos e comportamentos, foi aplicado os estudos etnográficos, ligado a antropologia, para entender a formação dos conceitos sociais. Nas palavras de Escosteguy,

As relações entre a cultura e contemporaneidade e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sócias compõem seu eixo principal de pesquisa. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 138).

Outro aspecto que também podemos perceber com as pesquisas é que nas produções culturais, é a intenção dos significados, pois os mesmos algumas vezes surgem com intenção de moldar certos comportamentos e ditar alguns padrões na sociedade. Com isso, podemos perceber que através dos significados culturais as produções podem influenciar os comportamentos humanos em decorrência dos sentidos que essas produções podem significar a determinado grupo social. De acordo com Hall (1997, p. 3), damos significados às coisas conforme nossas percepções trazidas conosco, uma vez que, ela é ressaltada nas nossas práticas do cotidiano.

## 2.2A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E IDENTIDADE

Quando vamos falar nessa temática é importante salientar as concepções de identidade e diferença. Nessa relação podemos perceber que a cultura normatiza as nossas ações e sofre diversas influências dos processos de globalização, por isso devemos compreender como essas relações entre os sujeitos e os indivíduos são representadas. De acordo com Kathryn Woodward (2000) existem três concepções de identidade, possibilitando a compreensão do outro. A primeira é o indivíduo baseado na ideia do iluminismo onde o indivíduo não possui uma flexibilidade social no qual suas ideias independem das relações sociais. Segundo, possuímos a identidade sociológica, que suas ideias sofrem influência e interação com os demais indivíduos. Por fim, e terceiro, possui o sujeito pós-moderno que se modifica constantemente, por meio de seus grupos pertencentes e as relações de poder.

Para compreendermos a construção identitárias e esses elementos que podem ser partilhados, Kathryn Woodward (2000) elenca dez características fundamentais de uma identidade:

- a) conceituar e diferenciar suas dimensões;

- b) reivindicar o pertencimento ou não, a determinado grupo identitário;
- c) compreender as origens teóricas sobre identidade (étnica e histórica);
- d) marcações e apropriações simbólicas;
- e) condições sociais e matérias dos indivíduos ou grupos;
- f) justificar as práticas e as relações sociais por meio de marcação simbólica;
- g) sistemas classificatórios para compreender o “nós e eles”;
- h) silenciamento de grupos em detrimento do outro;
- i) compreensão da identidade como algo negociável;
- j) posicionamentos identitários.

Essas referidas características e conceituações acerca da identidade exposta por Woodward (2000), nos auxilia no entendimento das formações identitárias. Contudo, a autora ainda problematiza uma das questões centrais sobre identidade, levantando hipóteses do que é realmente essencial ou não para uma construção identitária. Julgo que, essas etapas descritas pela autora servem para conceituar as identidades e compreendermos as suas dimensões, principalmente saber o que pertence e o que não pertence a certo grupo identitário, podendo essas reivindicações/afirmações identitárias serem baseadas em aspectos naturais, como os de “raça” e familiares, ou, históricos e do passado, sendo uma característica de resistência, que por ter sido assim a alguns anos, não poderia ser modificada. Outro elemento que evidencia essa forma é na afirmação identitária nacionalista, por meio de símbolos institucionalizados, tais como a bandeira. Quando vamos falar de identidade em esfera global, as principais identidades discutidas são as nacionalistas e éticas, já quando vamos falar em esfera local, as principais identidades discutidas são baseadas na concepção pessoal, sexual, política, entre outras. Nos últimos anos, essa reflexão vem se intensificando, o autor Stuart Hall, acerca da construção identitária na contemporaneidade, colocou a crise identitária em pauta, pois cabe questionar-se até que ponto os conceitos de identidades se sustentam, visto que, o mundo sofre por inúmeras modificações, Hall diz que,

[...] fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2005, p. 9).

Cabe ao indivíduo então, refletir sobre sua própria identidade, uma vez posta em crise, serve para analisarmos o nosso lugar, descentralizando os sujeitos,

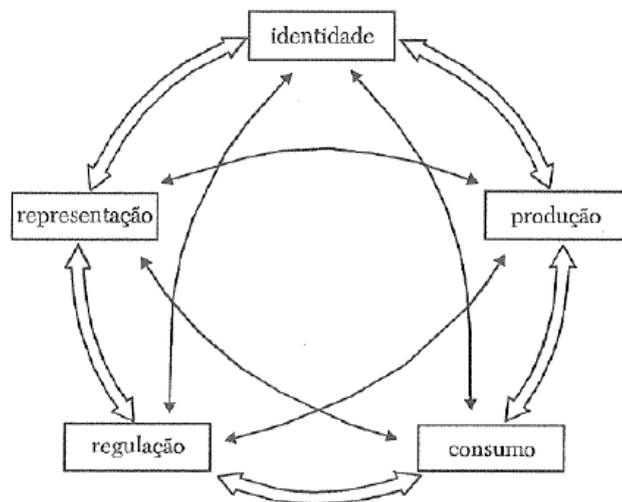
instabilidade essa que contribui para a formação da sua identidade cultural. Outro viés identitário que devemos conhecer são os processos sociais em virtude de grupos desfavorecidos no contexto social (minorias). Saliento que, devemos ter em mente, os acontecimentos envolvendo essas minorias desfavorecidas, pois sempre possui como origem as opressões das classes dominantes, na busca de silenciar os demais, contrapartida essas que podemos observar nos movimentos de resistência desses grupos. Portanto, cabe afirmar sobre a temática que,

O termo identidade, bem como seu conceito, é utilizado e interpretado a partir dos mais variados campos do saber. Ele pode ser entendido a partir de nossa essência genética, o que nos individualiza e nos faz ser únicos, e, ao mesmo tempo, no campo social e antropológico, é o que nos une e nos assemelha aos demais. Logo, por identidade, entende-se um processo de construção dos indivíduos em relação a eles mesmos e aos outros, mediante trocas simbólicas. (HENRIQUES; LISBOA, 2015, p. 158).

Essa referência dos autores sintetiza com eficácia aspectos básicos para a compreensão da identidade, como é sua construção e dos seus processos, uma vez que salienta a importância dos signos, seja com a sua influência na construção pessoal ou coletiva mediante as trocas simbólicas.

Esses processos de identidade mencionado pelos autores, estão interligados aos Estudos Culturais, pois as culturas são formadas por grupos que possuem uma identificação entre eles (HENRIQUES; LISBOA, 2015), os grupos identitários, em grande parte os de minoria são marginalizados e segregados da sociedade, em função disso começa um processo para modificação na instância estrutural da sociedade, refletindo diretamente na constituição dos cenários locais dos grupos culturais. Essas modificações transparecem ao passo que as identidades são diminuídas e silenciadas em determinadas produções culturais, por isso, quando vamos falar de Estudos Culturais e as produções voltadas para as reproduções de certas identidades, não podemos deixar de elencar o “circuito cultural” de et Al Paul du Gay (Figura 1), onde exemplifica como ocorre o fomento a cultura.

Figura 1 – O Circuito da cultura



Fonte: Et al Paul du Gay (1997).

No qual, conforme a figura acima, podemos perceber que o circuito cultural base para as produções constituem um processo complexo, levando em consideração não somente os aspectos das produções, mas todos os elementos que faz o conteúdo chegar ao seu receptor de maneira com que o mesmo, sinta-se representado com a devida produção.

Alguns indivíduos que reivindicam as representações e as produções culturais, não apenas afirmam as suas, mas são “capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum” (WOODWARD, 2000, p. 29). Sendo assim, algumas identidades possuem forças para ir além de um cenário local ou pessoal, e quando firmadas e consolidadas algumas identidades conseguem modificar determinados padrões de consumo, impactando assim nas estruturas de classes que é a principal fomentadora dessas ilusórias representações identitárias. No que se refere ao falar de “reconstruir e transformar identidades”, aplica-se a ideia que os indivíduos, absorvem as produções culturais de acordo com a sua própria construção identitária por meio dos signos que ele identificasse,

a construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em

função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de espaço/tempo. (CASTELLS, 2006, p. 23).

Conforme o autor, os indivíduos apropriam-se de determinados elementos das culturas previamente estabelecidos, absorvem, ressignificam e formam a sua própria identidade baseado nos seus projetos culturais. Ao falarmos da própria identidade, Stuart Hall (1997), também elenca um fator importante, no qual muito do que chamamos de nossa identidade está atrelado diretamente a segmentações vividas, seja em sentimentos, histórias e experiências. Pensando dessa maneira ao ampliarmos esse aspecto, podemos perceber as identidades sociais como uma adesão a cultura. De acordo com Stuart Hall:

[...] pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivos (dentro deles). (HALL, 1997, p.8).

Evidenciando assim a impossibilidade de desassociar a representação como um elemento fomentador da identidade, pois, por ela absorvemos e compreendemos inúmeras significações e símbolos por meio das apropriações culturais que realizamos.

Ainda sobre identidade, Manuel Castells, traz a conhecimento as fundamentações teóricas sobre as diversas formas de formações identitárias e como esses processos formadores se constituem. As construções das identidades afirmativas se consolidam em grande parte nas 'sombras' das relações de poder. De acordo com Manuel Castells (2006, p. 24), existem três tipos de identidade. A primeira, Identidade Legitimadora, que possui como objetivo expandir e racionalizar a ação dominante sobre os atores sociais. A segunda, Identidade de Resistência, normalmente criada por atores sociais em situações e ou estigmatizadas, são as ditas minorias sociais empoderadas. Em terceiro, Identidade de Projeto, vai além de uma busca por espaço, não é apenas um grupo empoderado, é um grupo extremamente organizado que busca mudar a estrutura social. Para Castells,

Obviamente, identidades que começam como resistência podem acabar resultando em projetos, ou mesmo tornam-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação. (CASTELLS, 2006, p. 24).

Essa transição das identidades se dá ao passo que os indivíduos dão diferentes valores para os acontecimentos gerando sua própria significação, que em virtudes das tendências sociais e projetos culturais enraizados na sociedade, gera uma identidade coletiva por meio de uma identificação. Esses pilares formadores de identidades citados por Castells, mostram um fomento à cultura afirmativa, exemplifica identidades que reforçam e silencia as demais, mas também visibiliza as identidades que buscam ser pautadas e representadas da melhor forma em sua constante busca pela hegemonia através da comunicação.

Outro fator de suma importância que causa um grande impacto na identidade cultural é a globalização, pois a partir do momento em que a identidade devido ao fenômeno da globalização é exposta a interconexão ocorre reflexões pessoais sobre os hábitos e conceitos, modificando assim posteriormente as práticas sociais. Hall, em seu livro “A identidade cultural da pós-modernidade”, faz referência a Anthony Giddens (2002), no qual a medida em que áreas diferentes culturas são submetidas à interconexão uma com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda superfície da terra transformando as mesmas (HALL, 2005).

Ao analisar todas essas vertentes culturais que absorvemos enquanto indivíduos em construção, consolidamos a nossa própria identidade. Como já havia mencionado, a globalização possui uma grande importância nessa propagação. Baseado então nessa grande “produção cultural” no qual estamos submetidos, analisaremos no próximo capítulo os meios nos quais essa produção

### 3 REPRESENTAÇÃO E GÊNERO

Compreender as representações é fundamental, ao passo que a representação é a ferramenta que transmite por meio da linguagem as mais diversas culturas. O presente trabalho possui como eixo principal de pesquisa a representação do LGBTQI+ no programa “Amor & Sexo”, visto que é um dos maiores fenômenos televisivos da atualidade devido a sua grande repercussão, justamente por pautar questões socioculturais. Atualmente a representação não é somente uma transmissora de informação, mas sim uma fomentadora de sentidos e valores, para as mais diversas culturas. Salienta Morigi (2004) que, “As representações sociais estão assentadas em valores e princípios morais nos quais a sociedade, os grupos e os indivíduos se guiam para construir e reconstruir os sentidos de suas ações” (MORIGI, 2004, p. 11). Logo a representação é uma forte influenciadora nas questões identitárias, pois os indivíduos se apropriam em grande parte das significações expostas nas representações para construírem e ressignificarem seus próprios hábitos.

#### 3.1 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO POR MEIO DA REPRESENTAÇÃO

Ao buscar uma compreensão sobre os estudos de representação, e seus efeitos de linguagem, devemos nos apoiar nos conhecimentos fundamentais de Stuart Hall, no qual sempre de maneira prática e muito didática abordou essa temática afirmando que, “A representação conecta o sentido e a linguagem à cultura” (HALL, 2016, p. 31). Logo, a representação utiliza da linguagem para expressar determinada cultura, por meio dos significados que são produzidos e compartilhados com os indivíduos de um determinado grupo social.

Quando vamos contextualizar a representação como um grande elemento de produção de significados e sentidos, obtemos a TV como uma das maiores ferramentas para essa produção. Conforme diz Hall, “A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos” (HALL, 2016, p. 18).

Lembrando que o foco maior do trabalho é compreender as representações LGBTQI+ no programa “Amor & Sexo”, devemos ter ciência que para elaborar essa análise cultural midiática acerca do programa não podemos desassociar aos estudos

em comunicação, pois os mesmos estão interligados, onde um fomenta o outro na transmissão dos significados. Hall explica que,

Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum a linguagem. Assim, está se torna fundamental para os sentidos e para a cultura e vem sendo invariavelmente considerada o repositório-chave de valores e significados culturais. (HALL, 2016, p. 17)

Os novos significados que são transmitidos pelas representações vão surgindo como repositório cultural. Stuart Hall (2016) elenca as diferentes formas de sentido que podemos obter por meio da representação, relacionando com outros teóricos sobre o tema. Partindo disso, primeiramente ele enfatiza que o sentido “é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem ‘pertencemos’ e dessa forma, restringir ou manter nossa identidade em determinados grupos por meio do pertencimento”, essa explicação de Stuart Hall (2016, p. 22) é o foco principal de análise de Woodward (2012) que busca compreender os sentidos compartilhados por meio das interações sociais. Contudo esses significados não fomentam apenas a identidade individual, mas a coletiva também, já afirmava os estudos desenvolvidos nas Ciências Sociais, ainda quando Stuart Hall (2016), dizia que a representação transmite significados e símbolos que põem a cultura como um termo que referencia os “modos de vida” de determinados povos, comunidades e grupos sociais.

As produções de conteúdo na mídia podem contribuir fundamentalmente na construção de sentidos que podem ser compartilhadas pelas interações pessoais ou coletivas, esse sentido atualmente é proveniente da produção das mídias de massa, nos meios tecnológicos e de rápida propagação de informação. Questão essa que Du Gay (1997) levou em consideração, conforme podemos constatar de acordo com o seu circuito. Outra maneira que conseguimos concretizar essas construções de sentido é por meio de uma objetificação da representação, produzindo “objetos culturais” que em grande parte das vezes agregamos valores – consumo - a eles integramos aos nossos hábitos e ações do cotidiano, no qual Hall (2016, p. 22) referencia esse estudo baseado no foco de Mackay (1997).

Os sentidos também possuem um caráter de regulação, no qual buscam organizar nossas “práticas e condutas”, por meio das convenções sociais, na tentativa de estruturar e formalizar nossos hábitos do cotidiano (THOMPSON, 1997). Dessa

forma, Stuart Hall (2016) conclui uma apresentação do circuito da Du Gay (1999), olhando criticamente como um construtor de sentidos para a representação.

Trazendo estudos de representação para próximo ao objeto de pesquisa, o programa “Amor & Sexo”, compreende-se que a televisão atualmente ainda é o meio de produção de conteúdo mais relevante para a sociedade, sendo a maior produtora de sentido e significados para as pessoas, independente da classe social, sexualidade, gênero, etnia e etc., muitas vezes atua como uma balizadora nos comportamentos e ações desses indivíduos. Por isso, irei analisar o poder da representação na TV por meio do programa “Amor & Sexo”.

A influência dos meios de comunicação exerce sobre as camadas da sociedade é notório, ao passo que determina comportamentos, estimula hábitos, até mesmo modificar os aspectos pessoais como maneira de falar e vestir. Nada mais é que, uma imposição normativa de padrões. Com esse fato, quando vamos problematizar podemos constatar que a questão central é a não representação das classes populares de forma legítima, e a supremacia das classes dominantes em relação às minoritárias, seja por questões de Identidade, gênero ou comportamental.

Alguns outros conceitos acerca da temática dos EC são de extrema valia uma vez que é uma área do conhecimento muito ampla e significativa, pois busca sempre ampliar as concepções sobre a sociedade e seus comportamentos. Martino (2013), em seu livro “Teoria da Comunicação”, elenca algumas das maneiras de compreender os EC, com base nos principais autores dos Estudos Culturais, Williams, Hoggart e Thompson. Martino (2013) afirma que compreender a comunicação é compreender os efeitos causados por ela, e que todo espaço de cultura é um espaço político, logo, quando a cultura é posta como um produto, devemos ter em mente que necessitamos de uma política cultural a partir da mídia (comunicação). Pois a comunicação agrega diferentes formas de relação entre os indivíduos, seja de imposição, dominação, contra hegemônica ou de luta. O autor, ainda reforça que,

os meios de comunicação, nesse sentido, não são apenas o instrumento de imposição legitimada de um padrão, mas também as arenas das disputas de espaço pela construção de práticas significativas dentro de uma cultura em luta. (MARTINO, 2013, p. 247).

Os meios de comunicação de massa eles possuem uma capacidade de disseminar símbolos e significados de uma maneira quase que instantânea na sociedade, com uma característica altamente dinâmica e peculiar, propagando

suposto “senso comum” aos indivíduos (MOSCOVICI, 2003). Olhando pelo viés da influência dos meios de comunicação exercem na formação do senso comum, Morigi (2004) ressalta que,

[...] os meios de comunicação de massa se colocam como um componente cultural importante na teoria das representações sociais. Nos estudos das representações sociais nos meios de comunicação geralmente se inclui a análise de conteúdo das coberturas que a mídia realiza a respeito dos temas que trata, pois as representações sociais se encontram tanto nas mentes das pessoas quanto nos meios, sendo necessário interceptá-las, exemplificá-las e analisá-las em ambos lugares. (MORIGI, 2004 et al FARR, 2003).

Nesse mundo globalizado de acesso à produção massiva de conteúdo, as representações sofrem grande influência da exacerbada produção que a mídia faz, trazendo a produção cultural como um mero produto a ser consumido. Construindo assim uma nova realidade, a que neutraliza e singulariza determinados grupos sociais.

Os meios de produção dessas representações, por saberem que possui esse caráter influenciador, manipula as representações de acordo com os seus interesses próprios. De acordo com Baptista (2004) a representação por meio dos seus significados consegue conduzir nossas ações e definir certos aspectos da nossa realidade. Deixando de lado o seu papel social, de representar sentidos culturais da sociedade, buscando assim somente o consumo. Indo ao encontro desse pensamento, Henriques (2016, p. 50) reforça que atualmente é a principal estratégia discursiva das representações, pois é de fácil recepção para a sociedade devido a sua capacidade de generalizar os indivíduos.

### 3.2 GÊNERO NAS REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS

Ao falarmos de gêneros, precisamos compreender como são formadas essas identidades, por meio da representação. Kathryn Woodward (2000), baseada na teoria dos Estudos Culturais nos mostra uma série de fatores sociais e simbólicos que podem influenciar esse processo. Ao passo que, para uma identidade, seja ela qual for, se consolidar enquanto grupo identitário precisa-se colocar em evidência. Pois é na diferença que ela se firma, conforme Woodward, “A diferença é sustentada pela exclusão” (WOODWARD, 2000, p. 9), podemos então evidenciar essas diferenças por meio de traços sociais, hábitos e comportamentos, memórias coletivas e contextos históricos. Ainda na condição de reforçar essas ideias, a autora enfatiza que,

as identidades são fabricadas por meio da marcação das diferenças. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão. A identidade não é o oposto da diferença, ela depende da diferença. (WOODWARD, 2000, p. 40).

Logo, a representação é constituída socialmente por meio dos contextos sociais no qual percebemos as nossas características pessoais e identitárias, ao passo que vimos no outro os elementos que nos identificamos ou não, gerando assim o pertencimento (SODRÉ, 1999).

Para estabelecer uma compreensão maior sobre essas representações e discussões sobre gênero da atualidade, podemos fazer uma comparação com décadas atrás, no qual possuía apenas um binarismo de gênero, o feminino e o masculino, conforme já destaca Butler (2015). A autora ainda salienta que o sexo é definido pela carga genética de cada indivíduo, já a identidade de gênero, deve ser levada em consideração os processos sociais e não os naturais como nos deparamos ao falarmos de sexualidade.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. (BUTLER, 2014, p. 24).

Podemos assim compreender que os conceitos apresentados podem ou não estar relacionados entre si, mas isso independe de um requisito ou obrigatoriedade para essa relação, sendo orientação sexual e orientação de gênero, conceitos distintos de identidade.

Para a nossa sociedade, o homem e a mulher, ainda devem ser respectivamente, masculinos e femininos, sem demonstrar qualquer comportamento que procure tangenciar essas produções normativas. A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea” (BUTLER, 2014, p. 39). Com isso, normatiza muitas das representações, deixando a estrutura binária quase que inabalável.

## 4 A ANÁLISE CULTURAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo buscamos apresentar as bases teóricas que irão nos auxiliar na pesquisa, fomentando nossas análises, fornecendo percursos analíticos e posteriormente uma reflexão sobre o nosso objeto. Quando me deparei com o meu interesse de pesquisa, quis analisar o Programa audiovisual “Amor & Sexo” em sua totalidade, e como era realizada as representações das minorias sociais pautadas no programa. Entretanto, depois de compreender as metodologias de pesquisa, buscar embasamentos teóricos, pude perceber a inviabilidade de analisar o programa como um todo. Para esta pesquisa de trabalho final para conclusão de curso, limitei o meu objeto a temática LGBTQI+ para conseguir estabelecer uma análise mais contemplativa. Como um dos critérios utilizados para essa escolha foi a questão da legitimidade e poder de fala que possuo enquanto indivíduo pertencente ao movimento LGBTQI+, por identificar-me como homossexual. A análise cultural, na maioria das vezes contempla todas as esferas de uma cultura, além de possuir alguns circuitos metodológicos que consolidam ainda mais a eficácia dessa metodologia e é fundamental quando queremos aproximar-se mais sobre temas relacionados à representação e identidade. Pelo fato de ter um objeto de estudo que é um programa audiovisual que representa minorias sociais e grupos identitários, nada mais contemplativo que apoiar-se nessa teoria. Por fim, além de explicar essa teoria neste capítulo, pretendo apresentar de maneira mais detalhada o programa audiovisual “Amor & Sexo”, a emissora no qual ele se insere, a sua forma de produção e alguns dos índices relacionados a ele.

### 4.1 A FUNDAMENTAÇÃO DA ANÁLISE CULTURAL

Ao referenciar a Análise Cultural como percurso metodológico, deixamos explícito o interesse em compreender as relações sociais dos indivíduos e os hábitos culturais. Como base teórica para uma análise cultural iremos referenciar Williams (2003), no qual elenca três definições sobre as representações culturais:

- a) ideal: podemos definir a cultura ideal, como um padrão a ser seguido, sem a possibilidade de modificar-se, sendo ela vista como uma cultura absoluta;
- b) documental: a documental é basicamente a materialização dos pensamentos e das experiências humanas;

- c) social: essa forma cultural define como ocorre as relações sociais, os hábitos e maneiras de se portar na sociedade, seja de maneira individual, ou como pertencentes a determinados grupos.

Logo, compreendendo essas três formas de representação como complementares entre si, iremos obter uma maior compreensão das relações humanas, uma vez que é inviável analisar apenas uma dessas etapas deixando de lado a outra, pois elas se complementam entre si. Entretanto, o próprio autor fala que a comunicação é complexa, logo devemos utilizar outras técnicas mais específicas quando queremos nos aprofundar em determinado segmento a fim de compreender as relações, “a análise da cultura é a tentativa de descobrir a natureza da organização que constitui o complexo dessas relações” (WILLIAMS, 2003, p.56).

Quando vamos trazer para o âmbito comunicacional, mais especificamente a mídia, devemos saber que as representações e produções vão muito ao favor dos interesses desses produtores, reforçando muitas vezes os padrões culturais. Na tentativa de impor esses padrões dominantes segregam os minoritários, essa questão de “seleção” cultural, de acordo com os interesses, silencia culturas que não possuem o mesmo “poder cultural”, muitas vezes fazendo com que essas culturas sejam segregadas e esquecidas. Entretanto, Williams (2003) ressalta que por mais que esses elementos sejam resgatados nas memórias dos indivíduos irão permanecer obsoletos devido a uma não representação ou materialização desses elementos culturais. Pensando nisso, ele elenca mais uma vez conceitos sobre cultura, na perspectiva de um resgate das memórias culturais dos indivíduos:

- a) cultura vivida: como a própria terminologia da palavra já auto explica, “vivida” é algo que foi vivenciado por determinado indivíduo ou grupo;
- b) cultura registrada: é a cultura que se perpetua, por meio de uma materialização, independentemente na maneira, seja por arte, escrita, imagem, entre outros;
- c) cultura da tradição seletiva: nada mais é que a afirmação de uma classe dominante sobre as minoritárias, enfatizando o seus próprios valores e hábitos por meio das produções culturais.

Essas definições propostas por Williams (2003) elencam alguns dos tipos de cultura que podemos compreender após uma análise cultural e possui características de investigação que conseguem consolidar estudos sobre determinados objetos de

pesquisa, principalmente quando queremos referenciar hábitos e comportamentos de grupos sociais.

Porém, ao nos aprofundarmos mais em uma análise cultural buscando atender certas especificidades da produção e representação de determinados produtos culturais, usaremos as metodologias proposta por Johnson (2006) o Circuito da Cultura e as técnicas propostas por Casetti e Chio (1999), pois dessa forma possuímos um olhar além da produção, focando também na recepção que o produto cultural gera. Para compreender as transformações das produções culturais devemos ter dois pontos de partida, as circunstâncias de consumo, e a leitura, atendendo as especificidades em decorrência do capital e poder de consumo.

#### 4.2 O CIRCUITO CULTURAL DE RICHARD JOHNSON

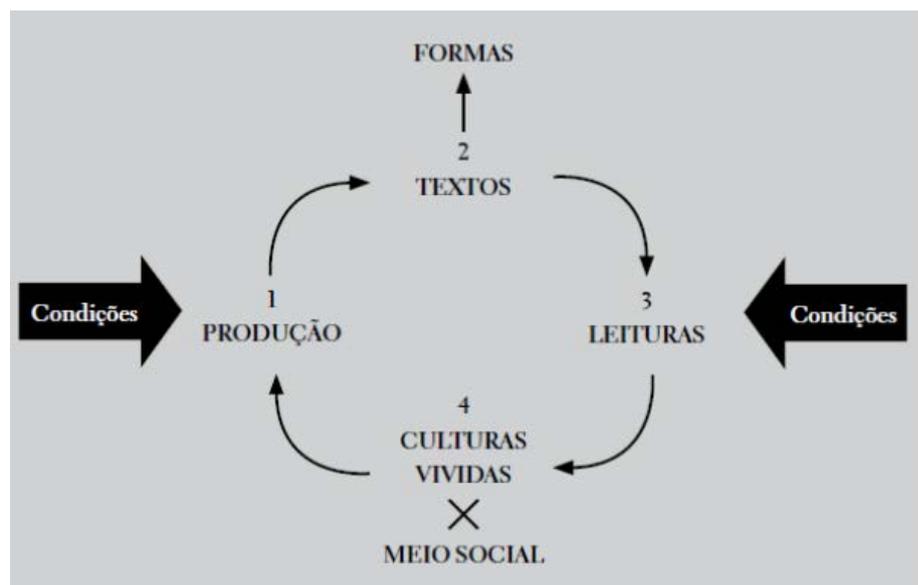
Podemos afirmar que, de acordo com Johnson (2006), os estudos sobre cultura, possuem algumas diferentes formas metodológicas e conceituais. Alguns autores como Raymond Williams ou Thompsom descrevem os estudos acerca da temática como algo amplo, devendo os estudos serem elaborados de forma descritiva complexa. Uma vez que, essa vertente baseia-se nos estudos socioculturais, culturas vividas e até mesmo relatos orais, permitindo uma transcrição da cultura. Por fim, Johnson ressalta a importância de conciliar aspectos de ambas maneiras de estudar a cultura, pois a compreensão das interações sociais cotidianas é fundamental para os processos.

Baseado nos Estudos Culturais, utilizaremos a análise cultural proposta por Johnson (2006), que vai além de muitos estudos sobre cultura, busca estudos não baseados somente na produção, textos e vivências, mas salienta a importância que devemos dar as compreensões dos indivíduos sobre as produções culturais. De acordo com o pensamento do autor, ao analisarmos essas abordagens separadamente não conseguimos compreender inúmeras questões sociais e ideológicas, dificultando a compreensão do todo, por atender apenas a racionalidade da cultura, e não seus fatores subjetivos. Primeiramente, Johnson afirma que,

Os estudos culturais baseados na produção implicam uma luta para controlar ou transformar os mais poderosos meios de produção cultural ou para desenvolver meios alternativos pelos quais estratégias contra hegemônicas poderiam ser buscadas. (JOHNSON, 2006, p. 104).

Sendo essa abordagem em grande parte aplicada e imposta por partidos políticos e discursos institucionalizados. Posteriormente, os estudos baseados nos textos, visam um discurso mais “vanguardista” no qual prevê uma mudança mais aplicado a críticos e professores, buscando novas práticas culturais. Por fim, as pesquisas voltadas ao entendimento da “cultura vivida” estão relacionadas a “representação”, buscando ser fiel aos grupos sociais subordinados, criticando assim, a cultura imposta pelos grupos dominantes. Cada abordagem dessa, deve ser analisada no seu determinado momento, conforme propõe Johnson (2006). Vejamos o modelo do Circuito Cultural de Johnson (2006) e o que ele nos propõe ao analisarmos cada segmento do seu circuito da cultura.

Figura 2 – O Circuito da cultura de Johnson



Fonte: Escosteguy (2007).

Conforme a metodologia da análise cultural proposta pelo autor, visualizamos que possui diferentes etapas para uma cultura, tais como:

- a) condições de produção;
- b) formas textuais;
- c) condições de leitura;
- d) culturas vividas/meio social.

Como primeira etapa do circuito está a produção, onde cria-se as formas culturais baseada nas culturas vividas, no qual “isto deve incluir as condições e os meios de produção, especialmente seus aspectos subjetivos e culturais” (JOHNSON, 2006, p. 63). Já o texto é a maneira de como as culturas e formas simbólicas são utilizadas para produzir os mais diversos significados. De acordo com o autor, “o texto é apenas um meio no Estudo Cultural” no qual vai retratar assuntos, problemáticas, ideologias pois o texto em si não é analisado por sua forma e estrutura em si, mas sim, “pelas formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e torna disponíveis” (JOHNSON, 2006, p.75). Ainda ressalta que o objeto de pesquisa não é o texto, mas sim a análise que é feita sob a “vida subjetiva das formas sociais em cada momento de sua circulação, incluindo suas corporificações textuais”. Outra etapa são as leituras, uma vez que elas conseguem modificar as estruturas de produção por meio da recepção e audiência dada às produções. Por fim, a última etapa concentra-se nas Culturas vividas dos indivíduos, pois ela que pauta as produções.

Com essa metodologia analítica (JOHNSON, 2006) podemos perceber que o autor estabelece uma relação direta entre as etapas, uma complementando a outra, pois em toda e qualquer produção não podemos analisar a produção sem compreender o seu contexto em que está inserida.

Esse percurso metodológico criado por Johnson fomenta estudos mais complexos acerca das produções culturais, entretanto, nesta pesquisa irei elaborar uma análise sobre uma das etapas do circuito, a produção. Visando analisar a produção e a maneira de como ela é transmitida aos indivíduos, utilizarei também a metodologia apresentada por Casetti e Chio (1999), na obra “*Análises de la televisión*” onde apresenta de forma ampla instrumentos, métodos e práticas de investigação.

#### 4.3 A ANÁLISE DE CONTEÚDO PARA TV (CASETTI E CHIO, 1999)

A metodologia proposta por Casetti e Chio (1999), contempla juntamente com a ideia do “Circuito da Cultura” de Johnson (2006) a proposta da pesquisa, visando elaborar uma análise de conteúdo, no qual aponta etapas fundamentais para a análise do programa audiovisual “Amor & Sexo”. De acordo com Casetti e Chio (1999), a análise de conteúdo serve para analisarmos conteúdos recorrentes de uma determinada mostra (produção), nesse caso, a representação do programa em questão. De acordo com o modelo proposto, é possível fazer uma análise não

somente quantitativa, mas qualitativa, a fim de compreender características que são observadas empiricamente, possibilitando elencar valor e significados fornecidos pela produção em análise. Para compreender de maneira mais simplificada os autores afirmam que, “A análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de pesquisa empírica, projetadas para estudar o conteúdo de uma determinada amostra de texto” (CASSETTI E CHIO, 1999, p. 235) [tradução pessoal].

As análises dos textos televisivos podem possuir diferentes enfoques, levando em conta ponto de vista e instrumentos utilizados e, por isso, não possui um caráter neutro. Deste modo, Casetti e Chio (1999, p. 236) nos sugerem cinco etapas para a realização de uma análise de conteúdo:

- a) definir o problema e formular hipóteses;
- b) eleger o corpus que iremos trabalhar;
- c) definir as unidades de classificação;
- d) preparar a ficha de análise e aplicá-la ao texto;
- e) computar os resultados.

Ao definirmos o nosso interesse de pesquisa, devemos então buscar formular algumas hipóteses no qual teremos como base, para iniciarmos uma investigação acerca das inquietações. Logo, “Definir o problema e identificar os problemas a serem verificados constitui a premissa necessária das etapas sucessivas da análise e, sobretudo, da escolha da amostra e da definição das unidades de classificação” (CASSETTI E CHIO, 1999, p. 237) [tradução pessoal].

Posteriormente, ao elencarmos nossas problemáticas de pesquisas, iremos escolher nosso *corpus*, fazer um levantamento das suas principais características e quanto maior for o objeto, maiores serão nossas unidades de classificação elaboradas conseqüentemente (CASSETTI E CHIO, 1999).

Tendo em vista uma produção audiovisual, implementamos o quarto item da metodologia proposta por Casetti e Chio (1999), a ficha de análise pode ser em formato de quadro ou questionário aberto, porém, neste presente trabalho será posteriormente desenvolvido um quadro técnico sobre o programa em análise. Essa etapa da metodologia dos autores nos permite reconhecer aspectos da produção, tipos de texto, título, duração, horário, além dos mais diversos tipos de contextos que o *corpus* pode se enquadrar. Por fim, utilizando a metodologia de Casetti e Chio (1999), desenvolvemos uma análise de avaliação, que segundo os autores, “revela a presença e intensidade das avaliações (positivas ou negativas) que contém no texto,

em relação ao determinado objeto” (CASSETTI E CHIO, 1999, p. 244) [tradução pessoal].

Contudo já mencionado sobre questões e percursos metodológicos, será desenvolvido uma análise cultural midiática possuindo como *corpus* de pesquisa as representações do LGBTQI+ no programa “Amor & Sexo”. Sobretudo, afirmo que a pesquisa é qualitativa, com um viés de compreender a legitimidade ou não, com que o programa pauta as questões sociais desses grupos identitários.

## 5 “AMOR E SEXO”: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO LGBTQI+

A fim de elaborar uma análise sobre uma representação midiática na qual eu me sentisse empoderado e com poder de falar, tracei alguns horizontes para a escolha. Tendo em vista esses pressupostos, optei por fazer uma análise do programa “Amor & Sexo” sendo ele um programa que trata inúmeras temáticas consideradas até então *tabus* na rede de televisão aberta. Limitei minha pesquisa a um episódio em específico da 10ª temporada, exibida em 2017, por critério de escolha pessoal, que retrata a *Diversidade*. Posteriormente aplicarei o meu objeto de estudo à metodologia proposta por CASSETTI E CHIO (1999), que nos fornece elementos cruciais para uma análise de conteúdo televisiva, consolidando assim a nossa pesquisa.

### 5.1 O PROGRAMA “AMOR & SEXO”

Possuindo uma proposta inovadora o programa aborda “de maneira divertida e informal, dois dos assuntos mais polêmicos e misteriosos do mundo: amor e sexo” (MEMÓRIA GLOBO, 2013). Esses assuntos sempre foram considerados polêmicos para serem abordados na mídia convencional. Quando realizamos uma observação das representações sobre amor e sexo na tv aberta, percebemos que as temáticas são em torno de assuntos como, filhos, fecundação, gravidez, impotência masculina, etc. Sendo essas pautas embasadas apenas pelo binarismo de gênero e as relações sexuais apenas provenientes do homem e da mulher, cis heterossexuais. Como podemos perceber tal abordagem no programa *Altas Horas*, que está em exibição na Rede Globo de Televisão, desde 2007, com um caráter apenas informacional, de levar o conhecimento sobre a temática respondendo aos questionamentos da plateia.

Traçando um panorama, o programa “Amor & Sexo” é um dos pioneiros a tratar essas questões sociais com um certo humor, possuindo um viés de entretenimento com a audiência. O programa possui uma série de quadros, reportagens e uma plateia de 400 pessoas na qual interage constantemente, mas a todo o momento mediado pela apresentadora Fernanda Lima. Em seu formato, podemos perceber constantemente alusão ao teatro, uma espetacularização, intenção essa que reflete até na identidade visual do programa, como podemos ver na imagem a seguir.

Figura 3 – Identidade visual do programa



Fonte: Globo.com.

O programa se apresenta em formato de temporada, sempre com as temáticas voltadas para amor e sexo, em grande parte atrelada aos relacionamentos heterossexuais. A fim de compreender melhor o programa “Amor & Sexo” analisamos todas as temporadas para entender a maneira de como ela pauta essas minorias e como é dado o espaço para as discussões envolvendo assuntos de LGBTTQI+.

Para conseguir visualizar de maneira mais didática, criamos uma tabela (Tabela 1) elencando todas as temporadas, número de episódios e o período de exibição que ficou no ar sendo transmitido.

Tabela 1 – Temporadas do programa “Amor &amp; Sexo”

Temporada	Número de Episódio	Período de Exibição	
		Início	Final
1 <sup>a</sup>	Dez	28/08/2009	06/11/2009
2 <sup>a</sup>	Oito	01/02/2011	22/03/2011
3 <sup>a</sup>	Nove	07/07/2011	01/09/2011
4 <sup>a</sup>	Oito	03/11/2011	22/12/2011
5 <sup>a</sup>	Seis	31/01/2012	06/03/2012
6 <sup>a</sup>	Seis	06/09/2012	25/10/2012
7 <sup>a</sup>	Doze	03/10/2013	19/12/2013
8 <sup>a</sup>	Dez	09/10/2014	18/12/2014
9 <sup>a</sup>	Dez	23/01/2016	02/04/2016
10 <sup>a</sup>	Onze	26/01/2017	13/04/2017

Fonte: Autoria própria.

Após elencar todas as temporadas com finalidade de conhecer a proporção do programa, e suas edições, analisamos como ocorriam as representações dos grupos minoritários com ênfase nos LGBTQI+ em cada uma das temporadas.

Inicialmente na primeira temporada, exibida em 2009, ficou marcada pelo quadro “*Strip Quizz*” que tinha a participação de casais famosos respondendo sobre sua intimidade sexual, cabe ressaltar que houve apenas a participação de casais heterossexuais. Quadro esse, ilustrado abaixo.

Figura 4 – Christiane Torloni durante o quadro “*Strip Quizz*”



Fonte: Globo.com.

Em uma das aberturas do quadro era questionado ao público o que fariam se eles fossem do sexo oposto, em todas as respostas tinha viés machista, falas como “sentaria no sofá assistiria futebol e pediria para minha mulher me alcançar tudo”, “pegaria várias mulheres”, “gastaria o cartão de crédito do meu marido”. Como podemos ver, já reproduzia discursos fomentadores de desconhecimento e ideais do senso comum, o quadro tinha como finalidade abordar esses assuntos polêmicos de maneira bem-humorada. Possuía também, uma boa interação com a plateia, no qual a sexóloga Carmita Abdo dava dica aos telespectadores respondendo aos questionamentos recebidos por e-mail ou telefone. No último episódio da temporada abordaram a temática fetiche envolvendo as profissões de bombeiro, salva-vidas e aeromoça, no qual a apresentadora Fernanda Lima foi as ruas entrevistar as pessoas com um figurino a caráter, para compreender os desejos e fantasias das pessoas. De maneira intrínseca já podemos perceber que o programa busca pautar temáticas

interessantes, mas de maneira errônea com apelo sensual ao corpo, sempre representados por padrões de beleza.

Na segunda temporada, exibida em 2011, começou a problematizar-se questões envolvendo homossexuais, além do conhecido “*Strip Quizz*” surgiu outros quadros, “Gayme”, “Ponto Q”, “Jogo de Cama” e “Sexo Selvagem”, destaque o “Gayme”, disputado por três homens *gays* e o vencedor ganharia uma viagem com direito a um acompanhante.

Figura 5 – Anúncio do vencedor do quadro “Gayme”



Fonte: Globo.com.

Servia o quadro como um meio de reprodução de alguns discursos estereotipados e heteronormativos, tais como, “minha opção sexual”, “me visto como um homem normal” e “homossexualismo”, falas estas reproduzidas pelo participante Diogo, que fomenta ainda mais o desconhecimento dos telespectadores. Outro equívoco que destaque sobre o quadro é a primeira prova onde o homossexual era desafiado a conseguir o número de telefone de alguma mulher na praia, afirmando que homossexuais também podem agir e cultivar hábitos de “homens”, bastando tentar. Com isso podemos perceber que começou a pautar as problemáticas de minorias, porém, singularizando os hábitos desses grupos, evidenciando esse grupo minoritários apenas como um elemento para dar humor ao programa.

A terceira temporada, exibida em 2011, vem com a ideia da “troca de papéis”, no primeiro momento é com o surgimento do quadro “Coisa de macho” onde coloca o homem exercendo atribuições supostamente feminina. Já na primeira edição Rodrigo

Hilbert vai fazer compras no supermercado, dando a ideia de que isso seria apenas uma atividade das mulheres.

Figura 6 – Rodrigo Hilbert apresentando o quadro “Coisa de macho”



Fonte: Globo.com.

Possuía também outro quadro mais específico com as questões LGBTTIS, no qual o programa recebia convidados famosos e tinham que rodar uma roleta com os dizeres, “Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Intersexuais e Simpatizantes”, e responder com falas e trejeitos característicos do determinado grupo sorteado, dessa forma, singularizava características pessoais e generalizava os indivíduos pertencentes como se todos se comportassem apenas de tal maneira.

Durante a quarta temporada, exibida em 2011, não houve algum quadro em específico novo que retratasse questões de minorias LGBTQI+, entretanto, lançou uma campanha que ao final de cada episódio a apresentadora Fernanda Lima presenteava os convidados com uma camiseta escrita: “não ao preconceito e à homofobia”, mas sem dar grandes espaços e poder de fala para as minorias. Na mesma temporada realizou uma série de matérias exibidas nos episódios ao longo da temporada. As referidas matérias tinham como pauta o relacionamento, que consistia em estabelecer uma comparação do Brasil com outros países. A apresentadora Fernanda Lima viajava aos outros países, e no Brasil o cantor Leo Jaime ia às ruas entrevistar, durante a exibição inúmeras vezes o cantor/repórter Leo Jaime reproduzia discursos como: “dá um beijo é de graça, ou não gosta da coisa” dizendo ao homem para beijar a participante mulher, sendo um comentário machista, que por ele não beijar a mulher, ele supostamente seria homossexual.

Figura 7 – Fernanda Lima em Tóquio/Japão



Fonte: Globo.com.

Com isso, podemos perceber que ao mesmo tempo que lança uma campanha de conscientização o programa fomenta um quadro de cunho machista em diversas situações.

No ano seguinte, a quinta temporada, exibida em 2012, manteve uma similaridade muito grande com a temporada anterior, não inovou em quadros, e as matérias com viés de comparar o Brasil com demais países manteve-se presente, e ao invés de manter a campanha do “não” criou a do “Sim”, “Sim à liberdade individual, à diversidade e ao respeito”. O que podemos perceber é que essa temporada teve um número reduzido de episódios e uma queda nas audiências em virtude da falta de inovação.

Figura 8 – Campanha do “Sim” apresentada pelo núcleo diretivo do Programa



Fonte: Globo.com.

Entretanto a sexta temporada, exibida também em 2012, veio com intuito de reformular o programa, deixando de lato o tradicional telão e dando mais ênfase ao cenário colorido e dinâmico e investindo em uma boa estrutura de palco. Foi adotado elementos como luzes, musicalidades, atrações fixas e convidados, maior interação do público, e principalmente as coreografias encenadas pela apresentadora Fernanda Lima, figurinos extravagantes e a inserção de dez bailarinos homens, dando um caráter mais voltado ao entretenimento. Começou a se inserir pautas mais específicas, principalmente voltadas à relacionamentos, como, noivado, casamento, separação, gravidez, etc. Nesta edição teve também um quadro onde os participantes famosos davam opiniões sobre acontecimentos e situações vivencias por homossexuais no dia-a-dia, abordando temas como, casamento, filhos e preconceito. Participaram dessa roda de conversa membros religiosos que também davam as suas opiniões, medida essa é um pouco contraditória, pois sabemos o quanto os homossexuais são pré-julgados pelo simples fato de ser quem são e amar ao outro.

Figura 9 – Figurino da abertura da 6ª temporada



Fonte: Globo.com.

A sétima temporada, exibido em 2013, a apresentadora Fernanda Lima além das performances belíssimas nas aberturas de cada episódio, inicia então a atuar como redatora do programa “Amor & Sexo”. Outra característica importante dessa temporada foi as temáticas abordadas, no qual destacamos temas como “nudez”, “pepecas”, “bolas”, amores eternos, amores e relacionamentos à distância, “solteirice” e até mesmo amores de carnaval. Dentro da temática LGBTQI+ não houve grande espaço para discussões e poder de fala, algo que desapontou e sofreu alguns

juízos pelos mais críticos do programa. Em um dos episódios da temporada, teve a participação de alguns personagens da escolinha do professor Raimundo, que desta vez, foi encenado sendo a “escolinha da professora Fernanda”. Em minha análise do quadro constatei alguns discursos errôneos tais como, “quem gosta de homem é veado, mulher gosta de dinheiro!”, fomentando discursos homofóbicos e machistas.

Figura 10 – “Escolinha da professora Fernanda”



Fonte: Globo.com.

Saliento que essa temporada ao invés de desconstruir os tabus e questões de voltadas a diversidade, destacou-se pelo interesse em teatralizar e abusar dos elementos cenográficos.

A oitava temporada do programa, exibida em 2014, teve grandes avanços em comparação com as demais, o programa em um dos episódios abordou a temática “preconceito” uma característica para mim muito marcante foi o espaço a pessoas com o devido poder de fala, entre os participantes desse quadro estava um homem transexual que pedia a todos e todas por mais reconhecimento, devido ao preconceito que os trans são expostos diariamente, foi um pequeno espaço concedido, mas relevante. Outro acontecimento que destaco dessa temporada, foi as representações de casamentos entre casais heterossexuais, homossexuais e lésbicas, inicialmente achamos admirável o fato, mas ao passo que vamos analisar o tempo de fala de cada um dos casais percebemos as diferenças, primeiramente a apresentadora Fernanda Lima iniciou com um discurso fomentando a união e a dependência que possuímos ao outro para ser feliz, em conversa com o casal heterossexual, pergunta a mulher

qual a emoção de poder se vestir de branco, como se os homens não pudessem adotar essa vestimenta, conforme figura abaixo, onde apenas as mulheres estão vestidas de branco, após o relato dela comentando que foi pedida em casamento por ele, um dos convidados fala que devemos “louvar a atitude dele, pois hoje em dia os homens estão frouxos e fugindo da raia”, mais enquanto pesquisador do programa, me questiono, e a mulher não pode ter um papel mais autônomo e partir dela tal atitude? Na sequencia o homem afirma que a sua mulher a encantou e que, “essa mulher, possui todas as características que o homem deseja”. Já questionando ao casal de homossexuais, Fernanda Lima pergunta falando “que tipo de pensamento passa na cabeça de vocês agora?” sendo uma pergunta extremamente superficial, não ocorrendo interação com os convidados e não dando margem para ambos rapazes responderem. Por fim, finaliza perguntando ao casal de lésbicas “meninas, o que elas pretendem construir juntas?” e apenas da espaço a uma delas responder pelo casal em um breve espaço de tempo. Com isso podemos perceber que da mesma forma como pauta questões de igualdade, o poder de fala não é dado com tal igualdade.

Figura 11 – Cerimônia de casamento



Fonte: Globo.com.

Durante a nona temporada, exibida em 2016, alguns elementos artísticos ganharam destaque, o palco ganhou uma escadaria, utilizada para as aberturas de cada episódio e as grandes performances artísticas da temporada. Tendo como objeto de estudo as identidades LGBTQI+, saliento a criação do quadro “bishow”, fazendo a desconstrução do termo, é a junção de “bichas” mais “Show”, em outras palavras, o

*show* das bichas, que tinha como proposta convidar homens heterossexuais, também chamados pela apresentadora de “Bofes *Show*”, a vestir-se de *Drags*<sup>3</sup> e fazer uma série de provas envolvendo temáticas como, gírias e termos *gays*, maquiagem, apresentações musicais, danças, e demais atribuições supostamente do habitual *gay*. Quando vamos analisar o propósito desse quadro, percebemos que ele não permite um espaço de fala para desconstruir os estereótipos dos grupos minoritários ou esclarecer alguns conceitos como gênero, sexualidade, travestis, transgêneros, *drags queen*, e entre outros. Sendo assim, um quadro meramente humorístico, de entretenimento e não informativo, singularizando questões básicas do verdadeiro “universo” *drag*.

Figura 12 – “Bofes *show*”



Fonte: Gshow/Foto: Isabella Pinheiro

Com isso, concluímos uma análise prévia do programa “Amor & Sexo” das nove temporadas anteriores a que irei analisar segundo a metodologia de Casetti e Chio (1999). Essa análise prévia serve para compreendermos as representações acerca das temáticas LGBTQI+ e o seu espaço de legitimação.

---

<sup>3</sup> “As *drags* ressaltam suas características caricatas que lhes permitem a utilização dos mais diversos e variados acessórios na constituição de suas personagens feminino-masculinas. A imagem de uma *drag queen* vem sempre associada aos conceitos de beleza, sedução e vaidade”. (CHIDIAC VARGAS E OLTRAMARI CASTRO, 2004)

## 5.2 10ª TEMPORADA

Aproximando-nos do nosso objeto principal, analisamos a 10ª temporada como um todo para posteriormente problematizar algumas questões mais específicas através da metodologia proposta por Casetti e Chio (1999), a temporada em questão foi exibida no ano de 2013. Muito questionado sobre as pautas abordadas, criticado sobre a maneira de como às representa, e aclamado pelos altos índices de audiência, são essas características que possui o programa “Amor & Sexo”, em sua 10ª temporada não poderia ser diferente, em seu primeiro episódio, exibido em 26 de janeiro de 2017, supera todas as audiências desde a 6ª temporada, erro em pensar que os índices diminuiriam, a audiência do programa só aumentou, abordando principalmente questões de grupos minoritários e problemas sociais.

A 10ª temporada início batendo recordes de audiência, e com episódios com temas polêmicos, no qual as temáticas enquanto indivíduos me despertaram muito interesse por se tratarem em grande parte de temáticas envolvendo minorias sociais. Com finalidade de desenvolver uma análise mais complexa elencamos todos os episódios da temporada respectivamente com os temas abordados em cada um, e foi então pensado o episódio no qual teríamos enquanto pesquisadores mais poder de fala, pensando assim, escolhemos o episódio que representa as diversidades de gênero. A escolha foi embasada principalmente pelo critério de legitimidade, no qual, enquanto indivíduo, me identifico como pertencente do grupo minoritário LGBTQI+.

Representações sociais, identidades de gênero, diversidade sexual, estão cada vez mais pautados nas representações da mídia massiva em virtude do preconceito enraizado em uma sociedade heteronormativa e baseada nos princípios da dicotomia.

Tabela 2 – Temáticas da 10ª temporada

<b>Episódio</b>	<b>Data</b>	<b>Temática</b>
1	26 de janeiro	Feminismo
2	02 de fevereiro	Erotismo
3	09 de fevereiro	Sexualidade masculina
4	16 de fevereiro	Saúde e doenças sexuais
5	23 de fevereiro	Melhor idade e envelhecimento
6	02 de março	Diversidade
7	09 de março	Padrões, beleza e autoestima
8	16 de março	Amor e relacionamento
9	30 de março	Sexo, aborto e racismo

10	06 de abril	Ética e política, fé e culturas populares
11	13 de abril	Preconceitos

Fonte: Autoria própria.

### 5.3 APLICAÇÃO DAS FASES DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Os autores Casetti e Chio (1999) nos propõem uma metodologia de análise que permite expandir os olhares sobre determinado conteúdo audiovisual. “A análise de conteúdo compreende um conjunto de técnicas de investigação empírica, destinada a estudar os conteúdos recorrentes de uma determinada mostra do texto” (CASETTI E CHIO, p. 235, 1999). Tendo por base esse conceito, aplicamos a metodologia ao 6º episódio da 10ª temporada do programa “Amor & Sexo”. De outro modo, a análise de conteúdo visa compreender de maneira singular cada elemento que compõe o todo da produção televisiva em questão e não somente o produto final. A análise de conteúdo como ferramenta de pesquisa, nos permite sair do tradicional quantitativo e transitar na esfera qualitativa, compreendendo significados, valores e comportamentos.

#### 5.3.1 Problema de pesquisa e formulação de hipóteses

As lutas políticas dos LGBTQI+ constantemente sofre uma singularização e deslegitimação em suas representações na mídia convencional massiva. Neste contexto, ressaltamos a Rede Globo de Televisão, que reforça os estereótipos e fomenta os discursos heteronormativos impostos para a sociedade. Na condição de pesquisador em comunicação e pertencente a minoria LGBTQI+, sinto-me na condição desmitificar essas produções audiovisuais propagadoras pelo senso comum. O programa “Amor & Sexo” pauta essas questões de minorias constantemente, em sua última temporada ele apresentou temáticas envolvendo feminismo, machismo, e principalmente diversidade, mas cabe questionar-se a fim de compreender com mais clareza essas representações:

- a) o programa explicou conceitos básicos sobre o tema LGBTQI+?
- b) qual foi o espaço de fala dado para o empoderamento dessas minorias?
- c) quais contexto que foram explanados a cerca dessas minorias?

d) a representação realizada pelo programa “Amor & Sexo” contribuiu de maneira positiva para a desconstrução de padrões heteronormativos?

Essas foram algumas das questões no qual pretendemos responder ao término desta pesquisa, cabe salientar que, iniciamos a pesquisa com intuito de estabelecer um posicionamento crítico sobre essas representações, não somente com um olhar de telespectador, mas sim de pesquisador cultural.

### 5.3.2 Corpus de pesquisa

Na busca de compreender a produção das representações LGBTQI+, analisamos o 6º episódio da 10ª temporada do programa “Amor & Sexo”, exibida em 2017. No qual o episódio analisado tem como temática central a pauta, Diversidade, seja ela sexual ou de gênero para compreender como foi abordada a temática, elaboramos uma ficha técnica no qual nos possibilita saber qual o poder de fala e legitimação que o convidado possui para “falar de” e “falar por” determinada minoria.

Quadro 1 – Ficha técnica do 6º episódio da 10ª temporada

<b>Direção</b>	Adriano Coelho
<b>Direção Geral</b>	Daniela Gleiser
<b>Redação</b>	Daniela Amorim Maria Nattari Micheline Alves
<b>Redação Final</b>	Antônio Amâncio Fernanda Lima
<b>Apresentação</b>	Fernanda Lima
<b>Participação</b>	Otaviano Costa José Loreto Mariana Santos Eduardo Sterblitch Regina Navarro Lins Dudu Bertholini
<b>Cantorxs<sup>4</sup></b>	Liniker As Bahia e A Cozinha Mineira Linn da Quebrada Cibelle Pablo Vittar Régis Paulino
<b>Bofe Show</b>	Claúdio Lima

<sup>4</sup> É utilizado a letra ‘x’ para deixar a palavra como um elemento neutro, não generalizando apenas a um gênero

	Fred Ostritz Gregory Combat
<b><i>Drag Queen</i></b>	Alma Negrot Koichi Sonoda Vic Haila Aretuza Lovi Sarah Mitch Gloria Groove
<b>Convidadxs</b>	André Fischer Lorelay Fox

Fonte: Autoria própria.

Analisando pelo viés de legitimação e poder de fala perante as minorias, o programa tinha pessoas aptas e com o empoderamento necessário para visibilizar de maneira satisfatória e cumprir a agenda social desses grupos. Porém, grande parte das abordagens e perguntas realizadas pela apresentadora tinha caráter genérico, simplista, não possibilitando uma melhor obtenção de informação. Vejamos abaixo, nas unidades de classificação a pauta trabalhada sob as questões LGBTQI+.

### 5.3.3 Unidades de classificação

Após escolhermos o corpus de pesquisa, devemos segmentar as partes fundamentais para a construção do objeto. Visando elencar elementos importantes para nossa pesquisa acerca das representações do LGBTQI+, adotamos o “Discurso” como primeiro item de classificação. Através das falas e conversas podemos perceber qual a intenção e objetivo que se pretende com certos posicionamentos. Outro elemento fundamental para pautar em uma análise de um programa audiovisual que tem como finalidade o entretenimento, é o “Figurino”, pois o mesmo possui um apelo visual que prende a atenção e olhares dos participantes, e até mesmo, pode influenciar hábitos e maneiras de se vestir e portar. Na sequência, vamos abordar o “Cenário” como um elemento importante, pois não somente no episódio em questão, mas em todos os outros a apresentadora Fernanda Lima inicia com uma luxuosa apresentação artística, juntamente com os seus bailarinos visando uma maior audiência, sempre acompanhado de elementos de palco característicos com cada episódio. Ao realizarmos uma análise sobre um programa audiovisual, é impossível não levar em consideração a maneira de como as pautas e problemáticas são abordadas nas “Matérias e Quadros” televisivos, propagando assim o conteúdo sobre

as representações, sendo assim esse o último elemento para analisarmos enquanto representação. Posteriormente realizaremos uma análise levando em consideração todos esses aspectos que podemos captar devido a metodologia proposta de Casetti e Chio (1999).

Sendo assim, segue abaixo as unidades de classificação:

- a) discurso;
- b) figurino;
- c) cenário;
- d) matérias e quadros;

### 5.3.4 Aplicação da ficha de classificação

Tendo em vista a aplicação analítica das unidades de classificação já estabelecidas, vamos analisar cada unidade de classificação e compreender a finalidade no qual foi representada no episódio. Ao analisar a primeira unidade de classificação, “os discursos”, transcreveremos as falas da apresentadora Fernanda Lima e dos demais convidados quando possuir um espaço indo contra as lutas das minorias LGBTQI+. Por meio da elaboração de um quadro onde analisaremos os discursos e posteriormente faremos uma comparação de discursos informativos negativos em relação as causas das minorias LGBTQI+. Vejamos a seguir:

Quadro 2 – Ficha de classificação referente ao discurso

<b>TRANSCRIÇÃO – De acordo com Lima (2017):</b>	<b>ATRIBUIÇÃO</b>
“Vocês pediram e o “Bishow” voltou!” <sup>5</sup>	Negativa
“Para festejar aqui no palco a luta pelo orgulho LGBT <sup>6</sup> no Brasil, uma luta onde nem as purpurinas e as lantejoulas, escondem as mortes e os hematomas, que a violência do preconceito e da discriminação, deixaram e ainda deixam nessa comunidade uma luta que pertence a todos que acreditam em uma sociedade a favor da igualdade de direitos	Negativa/Informativa

<sup>5</sup> O termo “Bishow” falado pela apresentadora no início do programa significa a junção das palavras “Bicha” que remete a homens homossexuais com trejeitos femininos, com a palavra show, que todos sabemos que é a espetacularização de algo.

<sup>6</sup> A apresentadora Fernanda Lima, durante suas falas usa a nomenclatura LGBT, contudo, nas outras etapas da análise será usado o termo LGBTQI+, pois o programa representa também, *Queer* e *Intersex*.

civis, da liberdade, da diversidade, da paz e do amor. ‘Amor & Sexo’ acredita nessa sociedade, e você?’ (LIMA, 2017)	
“Bem-vindos a esse grande <i>show</i> de diversidade.” (LIMA, 2017)	Negativa
“O sexo é biológico, é aquele com qual você nasce, a identidade de gênero é cultural, o ser humano pode não se identificar com o sexo biológico, orientação sexual é a inclinação do seu desejo, ou seja, é por que você se sente atraído amorosa, ou sexualmente. Isso não é de hoje, isso não é coisa de moda, isso não é papo do amor e sexo. Essa diversidade sempre existiu ao longo de toda a nossa história, a diferença é que hoje as pessoas não precisam viver escondidas, ou frustradas por ser quem não se sentem de verdade. O mundo vem mudando, ouvindo outras vozes, afinando pensamentos e multiplicando a possibilidade de viver em plenitude.” (LIMA, 2017)	Informativa
“separar desinformação do preconceito”	Informativa
“ela não é aceita nos trabalhos normais”	Negativa
“o rodrigo é cheio de atributos feminino”	Negativa
“Agressão é crime, e agora a Lei Maria da Penha pode ser aplicada em casos de agressão a mulheres transexuais e travestis, que não fizeram cirurgia de adequação sexual e não alteraram o nome ou o sexo do documento civil. Denuncie as agressões pelo telefone 180, faça valer os seus direitos”	Informativa
“Os humanos mudam a todo instante e a sociedade junto com eles, ninguém é obrigado a seguir um padrão de comportamento com o qual não se sente bem, e respeitar quem lhe parece diferente deve ser uma obrigação. O conceito de diversidade não subtrai ninguém, ao contrário, multiplica, abraça todos nós, cabe a sociedade assegurar direitos civis a todos sem exceção. Esse programa é dedicado a todos que lutam por igualdade e que merecem visibilidade e respeito todos os dias”	Positiva

Fonte: Autoria própria.

Outros aspectos discursivos que cabe destacar é por meio da contextualização e diálogos entre os participantes e apresentadora, pois não somente por meio da transcrição e discursos, mas também por meio de diálogos podemos captar informações fundamentais para as representações.

Situação 1 – Em seu discurso de abertura, que reúne atribui a purpurina e lantejoulas como elementos fixos da cultura LGBTQI+, sem levar em consideração outros aspectos dessas minorias. O restante do discurso possui características de militância que contribui positivamente para a causa.

Situação 2 – A apresentadora em um diálogo com o André Fischer, pede para ele responder qual a importância da “Parada”, movimento político e festivo e também, estabelecer um panorama sobre a luta por direitos LGBTQI+ no Brasil e no mundo e as maiores dificuldades enfrentadas. Questionamento esse, que é importante de ser respondido por alguém que possua uma legitimidade e poder de fala, André Fischer foi DJ e atualmente escritor, ele fundou o *site* MIX Brasil, grande produtor cultural sobre minorias e lutas por direitos igualitários, porém, essas informações sobre o entrevistado erroneamente não foram expostas, pois podia dar mais credibilidade ao relato do convidado.

Situação 3 – É explicado de maneira específica os principais conceitos e nomenclaturas de gênero da comunidade LGBTQI+, pelos convidados Dudu Bertholini, Liniker, Cibelle e Wallace Ruy, por meio de um “telecurso”, conforme Lima (2017). Esses discursos sobre gênero tiveram um grande espaço para debate no programa, durante aproximadamente 11 minutos, contemplando assim com eficácia a ideia de explicar os conceitos mais usuais.

Situação 4 – Foi falado a questão do *bullyng* e discriminação, os termos que são utilizados para oprimir a comunidade LGBTQI+, e que, depois passam por uma apropriação cultural, ao passo que todos têm o direito de reivindicar os seus direitos.

Situação 5 – Fernanda Lima em um diálogo com a cantora Linn da Quebrada reafirma o discurso da cantora, “bicha preta, periférica, travesti, transviada”. Esses termos em grande parte são utilizados para propagar discursos de ódio entre os indivíduos, entretendo quando ocorre a apropriação desse termo pelos grupos de minorias, o termo deixa de ser ofensivo, e passa a ser representativo.

Situação 6 – A apresentadora em um diálogo com a sexóloga Regina Navarro Lins, explica a naturalidade do comportamento homossexual, na espécie humana. Salienta que muitos dos tabus encontrados na aceitação da naturalidade do comportamento homossexual é em virtude do contexto histórico que acreditavam que o sexo era exclusivamente com o viés da procriação, logo viam as relações homossexuais como atos de promiscuidade.

Situação 7 – Trazendo para contexto Nacional, a *Drag Lorelay Fox*, aborda o “bate cabelo”, explicando que o elemento é simbólico para as *drags* no Brasil, pois essa prática só existe aqui. Podemos partir do pressuposto histórico que o cuidado pelos cabelos era uma referência de feminilidade, sendo esse um dos fatores influenciadores dessa prática.

Situação 8 – É abordado uma questão muito polêmica, a aceitação e a afirmação identitária na sociedade, em conversa com a Regina Navarro Lins, comentou-se o dilema que é esse processo de aceitação, tendo em vista o preconceito, e os altos índices de suicídio no meio LGBTQI+, que chega a ser duas vezes maior o número de incidência em relação a pessoas heterossexuais.

Situação 9 – Abordando a outra identidade, Fernanda conversa com duas mulheres lésbicas convidadas na plateia, ambas elas possuem um discurso de militância que legitima a causa, levantando situações encontradas no dia a dia dessas mulheres, que além de serem vítimas de lesbofobia, sobrem opressões machistas.

Situação 10 – Entrevista uma integrante do programa, juntamente com a sua esposa a fim de abordar as questões legais para adoção. Esclarece questões práticas e procedimentos que devem ser tomados por quem tem as pretensões.

Situação 11 - A apresentadora chama todas as *drags* participantes do programa para virem ao palco, no qual apresenta cada uma, e no final, dá um beijo na *drag* misteriosa que era o seu marido, chocando todo o público. Ao revelar que era Rodrigo Hilbert a *drag* misteriosa, ela diz que seu marido é cheio de atributos femininos, faz tricô, cuida dos filhos e da casa, falas essas que soaram de maneira negativa, propagando ideias machistas, pois os tais “comportamentos femininos” mencionados pela apresentadora, não são somente femininos, mas sim de qualquer indivíduo, independente de sexo ou gênero.

Figura 13 – A *Drag* misteriosa, Rodrigo Hilbet



Fonte: Globo.com.

Outro elemento fundamental para a produção audiovisual é o figurino, por meio dele pode ser representado elementos culturais importantes de determinadas identidades. Cores, adereços e processos de composição dos figurinos podem fomentar ideias e captar os olhares dos telespectadores. Tendo em vista a influência que pode exercer sobre os receptores, analisaremos o figurino da apresentadora Fernanda Lima.

O figurino em questão foi criado por uma estilista travesti, com a justificativa de legitimar e dar visibilidade a essas profissionais que, em muitas vezes, são oprimidas e estereotipadas como apenas profissionais do sexo. Entretanto, o figurino utilizado foi alvo de inúmeras críticas devido ao tamanho, seja pelo comprimento ou pelo decote. Muitos comentaram que a roupa possuía um caráter apelativo, por meio de uma hipersensualização a fim de fazer com que a apresentadora se tornasse um objeto de desejo. Quando trabalhamos com representação devemos ter como pressuposto que a nossa sociedade não é única, mas sim plural e que qualquer elemento pode ser pauta de grandes discursões.

Figura 14 – Figurino



Fonte: Globo.com.

Ao longo das temporadas o programa “Amor & Sexo” sofreu algumas alterações, destaque aqui o cenário, que é utilizado como ferramenta para engrandecer todas as apresentações e deixar a abertura mais envolvente. No episódio analisado, o cenário é decorado com elementos simbólicos da cultura LGBTQI+, as cores do arco-íris, estando também os bailarinos caracterizados com a vestimenta e adereções em formato similar a fantasias carnavalescas, no qual mais tarde será dito que é em alusão ao *show* da diversidade.

Figura 15 – Decoração e integrantes de palco



Fonte: Globo.com.

Por fim, no último item de classificação, as matérias e quadros, é apresentado o quadro “sexo oral” no qual é acompanhado de uma música que possui o seguinte trecho, “cemzinho para se virá”, que se for levada em consideração o seu sentido literal, propõe R\$100,00 para a pessoa se virar, remetendo assim o ato da prostituição. Já durante a apresentação artística das convidadas, a cantora Pablllo Vittar acompanha as apresentações com a trilha sonora, “eu não espero o carnaval chegar para ser vadia, sou todo dia”, deixando ainda mais em destaque essa possibilidade de alusão a prostituição. De fato, quando o termo dito ofensivo a comunidade LGBTQI+ é apropriado ele passa a ser um elemento simbólico de luta, mas cabe questionar, será que uma sociedade misógina, homofóbica e heteronormativa entenderia dessa forma ou apenas viria aqueles discursos apenas como uma reprodução dos “seus” pensamentos?

Figura 16 – *Drag Queen* em “bate cabelo”



Fonte: Globo.com

O quadro “bishow 2017” possuía um viés diferenciado, pois todos os participantes fazem da “*Drag arte*”, uma profissão. Foi abordando de forma subjetiva 3 tipos artísticos de *Drag*, as estereotipadas que são luxuosas, caricatas, corpo feminino e grande apelo a vaidade; possui também a *Drag* heteronormativa, pois quem interpreta é um cantor, cis, branco e hétero; já a melancólica e frígida é no papel de Ivana Wander, que venceu o concurso proposto. Analisando por outro ponto de vista também, podemos ver essas diferentes representações de forma mais didática

do programa para a compreensão das pluralidades ou de forma mais estratégica para caricaturar os performistas, cabe assim uma reflexão acerca do tema apresentado.

Figura 17 – *Drags* participantes do “bishow 2017”



Fonte: Globo.com

### 5.3.5 Computação dos resultados

Após analisar todas as unidades de classificação, algumas constatações foram feitas a fim de responder nossas hipóteses e questionamentos elencados na primeira etapa conforme o modelo de Casetti e Chio (1999). Conforme os discursos evidenciados no Quadro 2, as falas da apresentadora possuem um caráter mais informativo, entretanto, ela erroneamente reforça alguns ditos populares heteronormativos.

Podemos perceber que as falas onde não há interação com os convidados elas possuem um viés mais informativo ou negativo referente as causas políticas dos grupos LGBTQI+, já as falas que são realizadas com os convidados e participantes, elas não reproduzem com tanta intensidade estereótipos.

Por meio da observação de quadros e matérias, percebemos que o programa possui aproximadamente 55 minutos de duração, sendo destes, 27 minutos de apresentações artísticas com intuito exclusivo ao entretenimento, limitando mais o tempo de discussões e debates.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos a pesquisa, reflito sobre a minha justificativa inicial para realizar a presente pesquisa, pois até então o meu objeto de estudo pautava as minorias de uma maneira satisfatória. Entretanto, ao aplicarmos metodologias de análise, focando sob um olhar crítico sobre as produções, me questioneei durante a análise, “será mesmo que o programa representa de maneira satisfatória as minorias e cumpre o seu devido papel social?”

Ilusão acreditar que as emissoras de televisão e os programas audiovisuais estão pautando essas temáticas de maneira espontânea com um viés informacional. Atualmente grupos sociais e minorias clamam por visibilidade e direitos iguais em uma sociedade preconceituosa. Mas não só por isso, além de ser necessário, é uma obrigação os veículos darem espaços a esses grupos minoritários que inúmeras vezes são segregados e marginalizados pela sociedade.

As representações do LGBTQI+ no espaço televisivo sofria muita resistência devido ao binarismo de gênero, pois tudo o que sai do âmbito normativo e convencional gerava discussões, com o advento de outros meios de comunicação ganharem força e com a imposição por espaço desses grupos sociais, os meios tradicionais tiveram que inserir essas problemáticas.

O programa em questão se intitula para a sociedade com uma produção livre de preconceito e que luta por igualdade, abordando as temáticas de maneira dinâmica e atrativa aos telespectadores. Após um levantamento podemos perceber que o programa possui altos índices de audiência, mas devemos ter em mente que nem toda atração (audiência/recepção) é informação (conhecimento).

A figura do LGBTQI+ no programa “Amor & Sexo” retratada no 6º episódio da 10ª temporada é representada de maneira caricata, simplista e estereotipada. De maneira errônea e genérica o episódio já inicia falando dessa temática contextualizando com o carnaval, que muitos consideram um ato pecaminoso, a comemoração da “festa da carne”, não correspondendo assim a expectativa dos grupos minoritários que é a necessidade de uma abordagem mais informacional. Destacamos que alguns conceitos importantes foram elencados, mas ao passo que ocorria avanços, vinham os retrocessos, seja por meio de discursos ou elementos cenográficos, quadros ou reportagens.

Devemos ter em mente ao analisarmos a representação do grupo LGBTQI+, a que ponto essa representação está desconstruindo padrões, diminuindo preconceitos e lutando por igualdade de direitos. Pois ainda vivemos em uma sociedade que oprime, menospreza e mata indivíduos LGBTQI+, pelo simples fato de não saber respeitar os direitos do outro. Não cabe a nós julgar, e sim aceitar!

## REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, M. M. **Estereotipia e representação social**: uma abordagem psicossociológica. In: BAKER, A. D. **A Persistência dos estereótipos**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004. Disponível em: Acesso em 04 de Nov. de 2017.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CASSETTI, F.; CHIO, F. di. **Análisis de la televisión**: instrumentos, métodos y prácticas de investigación. Barcelona: Paidós, 1999.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CHIDIAC VARGAS, M.; OLTRAMARI CASTRO, L. **Ser e estar drag queen**: um estudo sobre a configuração da identidade queer. Estudos de Psicologia. 2004. p.471-478. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26190309>
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2002.
- DU GAY, P.; HALL, S.; JANES, L.; MACKAY, H.; NEGUS, K. **Doing cultural studies**: The story of Sony walkman. London: Sage, 1999.
- ESCOSTEGUY, A. C. **Estudos Culturais**: Uma Introdução. In: Silva, T. T. da (org.). **O que é afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (p.133-166).  
 \_\_\_\_\_. **Circuitos de cultura/circuitos de comunicação**: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 4, n. 11, nov. 2007.
- FARR, R. M. **De las representaciones colectivas a las representaciones sociales**: ida e vuelta. In: CASTORINA, J. A. (org). **Representaciones Sociales**: problemas teóricos y conocimientos infantiles. Barcelona: Gedis editorial, 2003. p.153-175
- GLOBOPLAY. **Amor & Sexo**. Rede Globo de Televisão. Exibido: 02 de março. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5695481/>>. Acesso em: 15 de nov. de 2017.
- GSHOW. **Amor & Sexo**. Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/dudu-bertholini-comenta-figurino-sobre-a-diversidade-sexual-no-amor-sexo.ghtml>>. Acesso em: 17 de nov. de 2017.
- \_\_\_\_\_. **Amor & Sexo**. Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/rodrigo-hilbert-sobre- virar-drag-queen-por-um-dia-nao-sabia-que-era-tao-dificil.ghtml>>. Acesso em: 17 de nov. de 2017.
- \_\_\_\_\_. **Amor & Sexo**. Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/Estilo/noticia/fernanda-lima-exibe-decote-de-tirar-o-folego-no-amor-sexo.ghtml>>. Acesso em:17 de nov. de 2017.

\_\_\_\_\_. **Amor & Sexo**. Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/tv/noticia/amor-sexo-discute-identidade-de-generos-e-todas-as-formas-de-amor.ghml>>. Acesso em: 19 de nov. de 2017.

HALL, S. **A Centralidade da Cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Revista Educação e Realidade, 22 (2), jul./dez. Porto Alegre, 1997.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HENRIQUES, M. N. **Identidade feminina gaúcha**: representações de gênero nos programas regionais bah!. Santa Maria, RS: UFSM, 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 de nov. de 2014.

JOHNSON, R. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** In: SILVA, T. T. da. (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1987.

MARTINO, L. M. S. **Teoria da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. 4. Ed. Revista e atualizada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MORIGI, V. J. **Teoria social, comunicação**: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. In: Revista Eletrônica E-Compós, n.1. dez. 2004.

MOSCOVICI, S.; MARKOVÁ, I. **La presentación de las representaciones sociales**: diálogo con Serge Moscovici. In: CASTORINA, J. A. (org). **Representaciones Sociales**: problemas teóricos y conocimientos infantiles. Barcelona: Gedis editorial, 2003. p. 111-152

HENRIQUES, M. N.; LISBOA FILHO, F. F. . **Identidade gaúcha e programa Bah!**: entre o tradicional e o contemporâneo. Verso e Reverso, XXIX(72):155-164, 2015.

QUADROS, L. M. **Sem preconceito? A representação lgbt em “amor & sexo”**. Santa Maria, RS: UFSM, 2015.

SILVA, T. T. da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SODRÉ, M. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. (p.13-69)

WILLIAMS, R. **La larga revolución**. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

\_\_\_\_\_. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo; 2007 [1983]. (p.117-124)

\_\_\_\_\_. **Política do modernismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.